

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Comunicação Organizacional

MATEUS PINHEIRO DA SILVA

AVENIDA CENTRAL

um webdocumentário sobre identidades e comunidades no Paranoá - DF

Brasília
Junho de 2023

MATEUS PINHEIRO DA SILVA

**AVENIDA CENTRAL: UM WEBDOCUMENTÁRIO SOBRE IDENTIDADES E
COMUNIDADES DO PARANOÁ-DF**

Trabalho de Conclusão de Curso, do tipo produto de comunicação, apresentado no Departamento de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para receber o título de Bacharel em Comunicação Social - Comunicação Organizacional.

BANCA EXAMINADORA

Professora Susana Dobal Jordan (Orientadora)

Professora Denise Moraes Cavalcante

Professora Carina Luisa Ochi Flexor

Professor Elton Bruno (Suplente)

RESUMO

Esse projeto consiste em um webdocumentário e tem como objetivo visibilizar identidades e comunidades da região administrativa do Paranoá-DF, mais precisamente três comunidades distintas que estão conectadas de alguma forma pela avenida principal da região administrativa, são elas: comunidade árabe palestina do comércio, influenciadores locais e MCs da Batalha de Rimas do Paranoá. Os grupos citados estão ligados à avenida seja por meio do comércio, da cultura ou da internet. Ao ocupar uma parte central do Paranoá, a avenida acaba funcionando de múltiplas formas que vão além de um centro geográfico e econômico. A pesquisa teórica permitiu relativizar a noção de centro ao trazer as ideias do sociólogo britânico Stuart Hall sobre identidades; ela também permitiu explorar outros conceitos importantes como webdocumentário, comunidades, transmídia e visualidades. O webdocumentário busca mostrar o que há de melhor no Paranoá, mas também de alguma forma denunciar os muros sociais que fazem de Brasília, a capital do país, uma cidade tão desigual.

Palavras-chave: comunicação, webdocumentário, transmídia, visualidades, comunidades, identidades, Paranoá.

Link do webdocumentário: <https://www.avenidacentralwebdoc.com.br/>

ABSTRACT

The following descriptive memorial is about a communication product, a webdocumentary, made for completing the Social Communication-Organizational Communication course at the Faculty of Communication at the University of Brasília. The project aims to make identities and communities of the administrative region of Paranoá-DF visible, more precisely three distinct communities that are somehow related by the main avenue of the administrative region, they are: Palestinian Arab community of commerce, local video influencers and MCs from Paranoá Rhyme Battle MCs. The aforementioned groups are linked to the Central Avenue, whether through commerce, culture or the internet. As the center of Paranoá, the avenue ends up gaining relevance that goes beyond the geographic and economic spheres . The theoretical research allowed to put into perspective the notion of center as it brought the ideas of the British sociologist Stuart Hall about identities; and it also brought other important concepts such as webdocumentary, communities, transmedia and visualities. The webdocumentary seeks to show the best of Paranoá, but somehow it also denounces the social walls that make Brasília, the country's capital, such an unequal city.

Keywords: communication, webdocumentary, transmedia, visualities, communities, identities, Paranoá.

Webdocumentary link: <https://www.avenidacentralwebdoc.com.br/>

RESUMEN

El siguiente memorial se trata de un proyecto final del tipo Producto de Comunicación, el cual consiste en un webdocumental realizado para la finalización del curso de Comunicación Social-Comunicación Organizacional de la Facultad de Comunicación de la Universidad de Brasília. El proyecto tiene como objetivo visibilizar las identidades y comunidades de la región administrativa de Paranoá-DF, más precisamente tres comunidades distintas que son atravesadas por la avenida principal de la región administrativa, ellas son: comunidad árabe palestina de comercio, influencers locales y MCs de la Batalha Rimas de Paranoá. Los grupos mencionados están vinculados a la avenida, ya sea a través del comercio, la cultura o internet. Al ocupar una parte central de Paranoá, la avenida termina funcionando de múltiples formas que van más allá de un centro geográfico y económico. La investigación teórica permitió relativizar la noción de centro al traer las ideas del sociólogo británico Stuart Hall sobre las identidades; también permitió explorar otros conceptos importantes como webdocumental, comunidades, transmedia y visualidades. El webdocumental busca mostrar lo mejor de Paranoá, pero también denunciar de alguna manera los muros sociales que hacen de Brasília, la capital del país, una ciudad tan desigual.

Palabras clave: comunicación, webdocumental, transmedia, visualidades, comunidades, identidades, Paranoá.

Enlace webdocumental: <https://www.avenidacentralwebdoc.com.br/>

AGRADECIMENTOS

Cresci com a minha mãe dizendo que a gratidão é o sentimento mais poderoso que existe e consciente da importância disso, não poderia começar esses agradecimentos sem agradecer a minha mãe e ao meu pai, que sempre acreditaram no poder de transformação da educação: obrigado Dona Cleiane Pinheiro de Araújo e Seu Gerson da Silva Duarte por toda a dedicação e por garantirem que eu tivesse o essencial para acessar à universidade e me dedicar integralmente aos meus estudos. Agradeço às minhas irmãs, Mariane e Maria Clara, e aos meus sobrinhos, Pedro e Miguel, por serem meu porto seguro, bem como o meu ponto de ancoragem nessa jornada chamada existência.

Eu nasci em Planaltina-DF e cresci no Paranoá, RAs próximas, porém contra todas as estatísticas, que muitas vezes podem ser determinantes na vida de um jovem pardo e homossexual, eu cheguei na Universidade de Brasília (UnB), uma das melhores universidades desse país. Mas eu não só cheguei na UnB, como fiz duas graduações nessa instituição que tanto amo e tenho orgulho de pertencer, primeiro me formei em Jornalismo e agora em Comunicação Organizacional, inclusive esse projeto é a finalização da minha dupla diplomação. Gratidão UnB! Gratidão FAC!

Minha jornada na comunicação começou quando eu tinha dezessete anos, entre o segundo e o terceiro ano do ensino médio, mais precisamente em um estágio que realizei no Ministério das Comunicações, no governo Dilma, em meados de 2013, onde eu ficava a tarde toda no arquivo da biblioteca do ministério registrando documentos de antigas empresas de comunicação do Brasil, como a Embrafilmes. De alguma forma, o contato com todos aqueles documentos despertou em mim a vontade para trilhar os caminhos de múltiplas possibilidades que a comunicação poderia possibilitar na minha vida. Por isso agradeço às minhas chefes no Ministério das Comunicações, Lorena e Dona Silvana, pelos primeiros ensinamentos profissionais.

A UnB abriu portões na minha vida e durante a graduação eu fiz estágio na Casa Civil do Governo do Distrito Federal, mas também no Instituto Serzedello Corrêa, escola superior do Tribunal de Contas da União (TCU), dentre outros lugares incríveis. Nessas oportunidades eu pude conhecer pessoas que se tornaram referências na minha vida e sou grato por absolutamente tudo o que aprendi, porque foram experiências extremamente transformadoras e edificantes. Então aqui vai o meu agradecimento a Mariana Sales, minha chefe durante o estágio que realizei no GDF, meu primeiro estágio de nível superior, por tanto apoio e lições valiosas de vida, também agradeço a Cíntia Caldas, minha chefe no estágio que realizei no Tribunal de Contas da União, por toda o apoio e ensinamentos.

Agradeço à Professora Elen Geraldês por abrir os meus olhos e por me encorajar a enfrentar os “fantasmas”, agradeço ao professor Elton Bruno por me acolher em projetos incríveis de extensão e pesquisa, e agradeço à professora Susana Dobal por aceitar me orientar, mas também por me ajudar na execução desse projeto e abrir a minha mente para as múltiplas possibilidades do webdocumentário e da fotografia.

Agradeço também a minha melhor amiga e super historiadora Gabriela Maria por sempre ser tão irmã e parceira nessa vida, agradeço a minha amiga Talitha Vancerli por me escutar e me apoiar quando a UnB era só um sonho, agradeço as minhas amigas chilenas Daniella Rampinelli e Yorka Cabezas que tanto me acolheram quando eu resolvi cruzar a América do Sul em uma experiência libertadora e cheia de significados, agradeço a minha amiga Vitória Rodrigues por me ensinar que apesar das batalhas nunca podemos abandonar a doçura e agradeço ao Vinícius Matos, que tanto me ajudou nas gravações do projeto. Eu agradeço a todos que me possibilitaram chegar até aqui, muito obrigado! E por fim, agradeço ao universo e à espiritualidade, porque sei que mesmo nos momentos mais difíceis eu nunca estive sozinho.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - PERGUNTA DE PESQUISA	12
3 - JUSTIFICATIVA	13
3.1 - Acadêmica	13
3.2 - Pessoal	14
4 - OBJETIVOS	15
4.1 - Objetivo Geral	15
4.2 - Objetivos Específicos	15
5 - REFERENCIAL TEÓRICO	15
5.1 - Webdocumentário	15
5.2 - Identidades	16
5.3 - Comunidade e Território	18
5.4 - Transmídia	19
5.5 - Visualidades	20
6 - CONTEXTUALIZAÇÃO	23
6.1 - O Paranoá	23
6.2 - A imigração árabe palestina no Brasil	25
6.3 - Influenciadores do Paranoá	27
6.4 - O hip hop	28
7 - METODOLOGIA	29
7.1 - Pesquisa inicial	29
7.2 - Definição dos grupos e escolha dos personagens	30
7.3 - Identidade visual	31
7.4 - Produção do webdocumentário	34
7.5 - Esquema de navegação	35
7.6 - Instagram	41
8 - ORÇAMENTO	51
9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

10 - REFERÊNCIAS	55
11 - ANEXOS	58
Anexo 1 - Divulgação	58
Anexo 2 - Ficha Técnica	66

1 - INTRODUÇÃO

O Paranoá, Região Administrativa (RA) número VII, nasceu como Vila Paranoá em 1957 durante a construção da barragem do lago homônimo e foi oficializada como RA VII pela Lei nº 4.545, de 10 de dezembro de 1964. Foram muitas as sucessivas ações arbitrárias do GDF na antiga Vila Paranoá, acampamento remanescente da construção da Barragem do Lago Paranoá, e durante esse período houve muita luta pelo direito à moradia e ao reconhecimento da vila como Região Administrativa. Em 1989, foi sancionado um Decreto que estabeleceu a transferência da população da Vila Paranoá para a área vizinha, de forma totalmente deliberada, como lembra o artista plástico do Paranoá Gerson de Castro Silva (2019, pág.26) em sua monografia de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico do Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília:

A Vila Paranoá foi desocupada de maneira abrupta, da noite para o dia, ficando no local algumas edificações, ruínas, árvores, trilhas, caminhos, que evidenciam nitidamente o que um dia foi o acampamento pioneiro. Vestígios sutis para a reconstrução da memória afetiva dos quintais da Vila. (SILVA, 2019, p.26)

A remoção da antiga Vila do Paranoá além de modificar abruptamente um lugar repleto de memórias afetivas, relações e vínculos, descaracterizou o espaço habitacional e destruiu todas as moradias que de alguma forma contavam a história urbana da RA. Posteriormente, com a construção do “novo Paranoá”, a antiga Vila do Paranoá se converte no Parque Vivencial do Paranoá, parque que é também popularmente conhecido na região como “Paranoá velho”. No parque há pista de corrida, playground e uma grande quantidade de árvores, muitas dessas relíquias vivas dos quintais da antiga Vila Paranoá. No Parque também há a histórica Capela de São Geraldo, construída em 1957, templo religioso que foi a única igreja da antiga Vila Paranoá por décadas e transformada em patrimônio histórico e cultural no ano de 1993, por decreto distrital.

Com o planejamento e construção do novo Paranoá pelo GDF uma grande avenida com 2,7 km foi construída e em todo o seu percurso se desenvolveu, com o passar de mais de três décadas, um comércio forte e diversificado. Porém, com a construção do novo Paranoá, isso não se traduziu na construção de novos equipamentos culturais para o fomento da arte e cultura local, muito pelo contrário, a região conta com pouquíssimos espaços para a vivência da arte e cultura. Em alguma medida, então, a comunidade local transformou a Avenida

Paranoá não só em uma zona de comércio e circulação de pessoas, bem como em um espaço para a manifestação culturais e artísticas.

Durante o ano, são diversas as manifestações culturais e artísticas que podem ser vistas na avenida, desde a Via Sacra que reúne centenas de pessoas na sexta-feira da paixão até a apresentação de grupos musicais de percussão e Batalhas de Rimas dos MCs na praça central, no final da avenida.

Os MCs (Mestres de Cerimônia), como são chamados os artistas da cultura *hip hop* que fazem versos e músicas rimados com alta velocidade na citação das palavras, dão ao Paranoá uma alma urbana, mas não só, de alguma forma eles fazem um pouco da identidade da cidade. Com letras que muitas vezes possuem um forte teor político e tom de protesto, os MCs fazem das Batalhas de Rimas uma grande celebração da cultura periférica seja com o próprio *flow*, terminologia usada no mundo do *rap* para designar a maneira como o *rapper* "encaixa" as palavras e frases no instrumental, mas também com a moda visto que o *streetwear* é parte intrínseca da cultura *hip hop* e nas Batalhas de Rimas é sem dúvida algo que chama a atenção.

Essa comunidade que faz da rua um lugar para viver a cultura é também a mesma comunidade que acolhe quem vem de muito longe, como os comerciantes árabes palestinos que a partir de 2011 começaram a chegar na RA, fugidos do *apartheid* israelense, e passaram a transformar o comércio local, com muita criatividade e simpatia. Os “gringos”, como são chamados localmente os comerciantes árabes da Avenida Paranoá, trouxeram para a região toda a tradição árabe do comércio e hoje é possível ver pela avenida lojas com nomes como “Nadja Brinquedos” e “Tabacaria Istambul”, o que cria uma dinâmica de troca cultural muito forte na região.

Os fluxos culturais, sociais e econômicos dessa avenida no mundo real são muito fortes e isso acaba por extrapolar as fronteiras, de alguma forma toda essa dinâmica reverbera para a dimensão virtual, visto que com os influenciadores locais o Paranoá ganha, em alguma medida, uma “voz” nas mídias sociais, seja com as parcerias entre influenciadores e comerciantes locais para a realização das famosas “publis”, termo para publicidade paga na mídias sociais, mas também com projetos no Instagram que buscam mudar a percepção

pública do Paranoá como uma cidade violenta, bem como denunciar muitas vezes o descaso público na região ou prestar informações com o intuito de oferecer serviço à sociedade.

Diante do breve histórico do Paranoá apresentado, o webdocumentário *Avenida Central* aborda identidades e comunidades que são de alguma forma conectadas pela Avenida Paranoá de uma maneira cultural, comercial e virtual sem que uma dessas modalidades exclua a outra. Os grupos abordados são de imigrantes Palestinos, Influenciadores e MCs. Eles de alguma forma promovem uma conectividade dentro do Paranoá por meio do comércio, da cultura e das mídias sociais. Dessa forma, a avenida é composta por diferentes centros que fortalecem ao mesmo tempo a comunicação e a identidade local.

Em depoimentos, os vários personagens dos grupos citados falam sobre as suas respectivas relações com o Paranoá, e como as suas atividades de alguma forma impactam a região. São muitas as histórias apresentadas no webdocumentário *Avenida Central*, como por exemplo, o webdoc apresenta a história do Seu Mufid Muhamad Salem que veio da Palestina tentar a vida no Brasil no final da década de 90, o Nicácio que é um MC muito popular na região, ou a Brenda Paulino que, como influenciadora, teve um importante papel na conscientização sobre a importância da vacina contra Covid 19 durante a pandemia.

O webdocumentário *Avenida Central* busca dar visibilidade para uma Região Administrativa que historicamente foi alvo de descaso por autoridades públicas, mas que mesmo assim resistiu, resiste e é o lar de cinquenta mil pessoas com origens que podem ser do próprio DF, do nordeste brasileiro, da Palestina ou de outros lugares. Verificamos que o Paranoá está inserido dentro de uma dinâmica nacional e internacional de imigração que resultou em uma identidade local múltipla, produto da conjunção de diferentes comunidades.

2 - PERGUNTA DE PESQUISA

Como um webdocumentário pode contribuir para dar visibilidade e valorizar identidades e comunidades da região administrativa do Paranoá no Distrito Federal, mais precisamente, para aqueles que são atravessados de alguma forma pela avenida da Região Administrativa?

3 - JUSTIFICATIVA

3.1 - Acadêmica

Como uma RA que nasceu do improviso, precariedade e descaso do poder público, realidade essa também presente em outras Regiões Administrativas, o Paranoá é totalmente desprovido de espaços para a vivência e fomento da arte. A RA não dispõe de cinema, salas para concertos, arenas para shows, ou festivais, bem como museus e espaços culturais, o que contrasta fortemente com o Plano Piloto que dispõe de uma ampla rede desses espaços como o Cine Brasília, CCBB, MAB (Museu de Arte de Brasília), SESI Lab, Centro Cultural TCU, Espaço Cultural Renato Russo, Estádio Nacional Mané Garrincha, Arena BRB Nilson Nelson, Eixo Cultural Ibero-Americano composto pelo Teatro Plínio Marcos, pela Sala Cássia Eller, Galeria Fayga Ostrower e pelo Espaço Marquise, isso sem contar espaços menos conhecidos como o Cine Cultura Liberty Mall, que é voltado para o cinema independente nacional e internacional, dentre outros.

Diante desse contexto, as comunidades presentes no Paranoá passam a usar a rua como espaço para manifestação da arte e cultura, prova disso é o Festival de Cultura Alternativa, Batalha do PRN e Batalha da V1. Os influenciadores locais conscientes da urgência de fomentar uma melhor representação da cidade, que é largamente mal representada nos grandes veículos de comunicação, transformam essas questões em conteúdo para a internet e inerente a tudo isso estão os comerciantes, que às vezes funcionam como “mecenas” patrocinando influenciadores e manifestações artísticas locais, ou simplesmente trazendo novas referências culturais e sociais que de alguma forma impactam e moldam a identidade local.

O gênero webdocumentário é largamente usado por documentaristas, cineastas, fotógrafos e jornalistas para tratar sobre os mais diversos assuntos, fazendo uso da interatividade e de todas as possibilidades que o gênero permite explorar para visibilizar povos, histórias pessoais, situações que dizem respeito à vida contemporânea, dentre tantas questões de relevância para a sociedade. Além disso, o webdoc tem a vantagem de ficar disponível para a população e não se restringir a apresentações limitadas a um eventual público e data específica.

Nesse sentido, o gênero webdocumental atrelado a uma estratégia transmídia terão aqui o papel de apresentar alguns fenômenos sociais e culturais que estão ocorrendo na Avenida Paranoá e que ainda não foram abordados pela academia, bem como dar visibilidade e valorizar pessoas e grupos locais que fazem da avenida um espaço vivo e cheio de possibilidades. As pessoas tratadas no webdocumentário, por mais diferentes que sejam umas das outras, são unidas pelo território e pertencem a três grupos distintos, são eles: comunidade árabe palestina, MCs e influenciadores locais.

Cada um dos grupos escolhidos para o projeto possui uma relação com a avenida da RA, podendo ser essa relação comercial, cultural ou virtual. Logo, o presente webdocumentário busca trazer para o âmbito acadêmico todas as vivências pessoais e comunitárias que são cruzadas, literalmente, pela Avenida Paranoá com seus 2,7 km de concreto, paralelepípedos e árvores.

3.2 - Pessoal

O Paranoá é um lugar que me atravessa de muitas formas, seja pelo fato da cidade ter sido a RA que acolheu meus pais quando estes chegaram dos seus respectivos estados, Bahia e Piauí, buscando melhores oportunidades e terem se conhecido ali, ou, pelo fato de muitos dos melhores momentos da minha infância e adolescência também terem sido nessa cidade.

A minha identidade como brasiliense está fortemente relacionada às minhas vivências no Paranoá e sem elas, muito provavelmente, a minha experiência como pessoa natural de Brasília, e do DF, seria mais pobre e carente de muitos aspectos subjetivos que constituem o meu orgulho de pertencer e fazer parte da capital do país.

Esse projeto é uma declaração de amor ao Paranoá e por consequência a minha família, mas é também um questionamento às desigualdades sociais fortemente enraizadas no DF que invisibilizam todas as experiências culturais e sociais integrantes da identidade candanga, e que desprezam as RAs periféricas daquilo que constitui a cidade. O Paranoá é tão parte de Brasília quanto o Lago Sul e o Lago Norte, e sua importância não se restringe apenas ao fato de compor o DF, mas vai além, porque com a construção da barragem, inaugurada no dia 12 de setembro de 1959, um pedaço importante da história de Brasília passa pela RA,

visto que a Vila do Paranoá era a zona habitacional onde residiam aqueles que trabalharam na construção da barragem, obra que possibilitou a existência do Lago Paranoá.

4 - OBJETIVOS

4.1 - Objetivo Geral

O objetivo do presente projeto, de natureza teórico-prático, é produzir um webdocumentário que tem como função apresentar identidades e comunidades que fazem da Avenida Paranoá um espaço para manifestação cultural, bem como meio para fazer comércio e parcerias.

4.2 - Objetivos Específicos

1. Apresentar identidades e comunidades que estão diretamente ou indiretamente relacionadas à avenida principal do Paranoá.
2. Combater a ideia de que o centro se resume ao Plano Piloto, mostrando assim que o centro é onde se formam comunidades.
3. Registrar os representantes das três comunidades escolhidas por meio de vídeo e fotografia.
4. Produzir um webdocumentário para a valorização das identidades e comunidades do Paranoá que oferece uma experiência de assistir diferente de um documentário tradicional.

5 - REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 - Webdocumentário

O gênero webdocumental é um formato de documentário para a internet que parte do princípio da interatividade e da narrativa transmídia para contar histórias em um site web com vídeos, áudios, fotografias dentre outras manifestações visuais. A pesquisadora Tatiana Levin (2015, p.11) afirma que o webdocumentário, que ela chama de documentário interativo, apresenta através de uma organização hipertextual uma narrativa não linear em seções de informação ligadas entre si.

Nesse tipo de produção quem consome a informação interage com o produto audiovisual e estabelece a sua própria ordem de visualização dos conteúdos presentes no site. Para François Jost (2011), essa posição participativa do espectador é o que diferencia o webdocumentário do documentário clássico:

O que diferencia o webdocumentário do documentário clássico? Nada, se escolho olhar de longe. Inversamente, se entro no jogo, ele me permite escapar da estrada principal e saber um pouco mais sobre tal ou tal aspecto e de construir meu próprio itinerário em função de meus interesses pessoais. Essa alternativa – ver um filme, navegar – encobre uma outra. A escolha não é somente entre dois modos de apreensão da realidade visitada pelos documentaristas; ela está entre dois usos da imagem: o primeiro é escópico, ou seja, concerne apenas à visão, e o segundo é, digamos, manual. Porque escolher voltar ao motel clicando sobre um botão na base da tela é primeiro retornar ao prazer de tocar em seu teclado e comandar (os botões são os comandos). (JOST, 2011, p.99)

Ainda sobre a diferença entre o documentário clássico e o webdocumentário, Levin (2015, p.8) ao discorrer sobre o texto *The distinction between linear and interactive documentaries* publicado no *Research Forum do Mit Open Documentary Lab* (2013), do pesquisador espanhol Arnau Gifreu, lembra que se há diferenças entre o documentário clássico e o documentário interativo, o segundo segue compondo o gênero documental por ser um meio de representação da realidade histórica e por trazer reflexões sobre temas relevantes acerca da cultura humana.

Assim, o webdocumentário além de ser parte do gênero documental na sua essência rompe com a linearidade típica do documentário clássico, o que de alguma forma vai ao encontro da era do *streaming*, onde cada pessoa assiste e escuta o quer, na hora que achar melhor e no seu dispositivo preferido, seja ele smartphone, notebook, desktop ou smart tv com as suas múltiplas possibilidades. O webdoc é parte das novas narrativas interativas e é resultado dos esforços de documentaristas, cineastas, jornalistas, fotógrafos, acadêmicos e produtores que buscam outras formas de contar histórias fazendo uso das novas tecnologias e possibilidades geradas pelo espaço virtual.

5.2 - Identidades

Para Stuart Hall (1992, p.10) o conceito de identidade pode ser dividido em três “sujeitos”, são eles: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo, segundo o pensador britânico, estava baseado numa concepção do

indivíduo totalmente dotado de uma identidade inata, natural e intrínseca, identidade que emerge pela primeira vez com o sujeito no seu nascimento. Enquanto o sujeito sociológico possuía uma identidade resultante da complexidade do mundo moderno, para Hall este sujeito era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos que ele ou ela habitava.

O terceiro sujeito seria o sujeito pós-moderno, ou da pós-modernidade, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, a identidade deste sujeito torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Stuart Hall (1992) lembra que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, entraram em declínio e isso desencadeou outros processos:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1992, p.7).

Logo, o sujeito pós-moderno seria o grupo de identidade na qual a sociedade atual está inserida, onde todas as identidades são muito fluidas e ao mesmo tempo múltiplas. No trabalho assumimos uma determinada identidade, no bar com os amigos assumimos outra identidade, na universidade mais uma outra identidade e assim nossas identidades vão sendo moldadas pelos ambientes culturais que nos rodeiam.

No webdocumentário *Avenida Central* a teoria sobre sujeitos de Hall foi utilizada para identificarmos comunidades que seriam relevantes para a Avenida Paranoá, porque elas não são as únicas, mas se revelaram como importantes para a RA pela repercussão que elas têm na vida cotidiana da região e pelo fato de que, embora não necessariamente conectadas entre si, elas se unem por estarem direta ou indiretamente relacionadas pela avenida da cidade.

5.3 - Comunidade e Território

Todas as identidades apresentadas no webdocumentário compõem algo maior, ou seja, as comunidades à qual elas pertencem. Segundo Paiva (2003), o ser humano vive mais nos outros que em si mesmo, mais na comunidade do que em sua individualidade, logo a comunidade, segundo a autora, representaria para o indivíduo a via de construção de sua existência. Bauman quando apresenta a ideia de “mixofobia”, que seria um receio de estar na presença de pessoas estranhas, lembra que as comunidades são no fim formadas por pessoas que compartilham similaridades e que essas também são uma espécie de refúgio, ainda que ela não proteja de todos os riscos existentes:

O impulso para uma “comunidade de semelhantes” é um sinal de retirada, não somente da alteridade que existe lá fora, mas também do empenho na interação interna, que é viva, embora turbulenta, fortalecedora, embora incômoda. A atração que uma “comunidade de iguais” exerce é semelhante à de uma apólice de seguro contra riscos que caracterizam a vida cotidiana em um mundo “multivocal”. Não é capaz de diminuir os riscos e menos ainda evitá-los. Como qualquer paliativo, nada promete além de uma proteção contra alguns de seus efeitos mais imediatos e temidos. (BAUMAN, 2009, p. 45)

Essas comunidades vivem e fazem o território, território esse que muitas vezes é visto apenas como espaço de serventia, como ressalta Milton Santos (2005, p. 255) sobre uma noção equivocada de território herdada da modernidade que olha apenas para o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Para Milton Santos o território vai além daquilo que se convencionou chamar de território, quando afirma:

O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos suma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. (SANTOS, 2005, p. 255)

Como lembra Milton Santos o que é real vem das ações humanas, que em um forte contexto de mídias sociais, onde todos estão fortemente atravessados por uma quantidade avassaladora de informação, essas ações podem ser fortemente embasadas em tendências, cultura e novidades, sejam elas simbólicas ou materiais. No webdocumentário, tanto os MCs, quanto a comunidade árabe do comércio e os influenciadores de alguma forma promovem a fluidez no território, provocam movimento e múltiplos usos do território que habitam.

5.4 - Transmídia

Seja no marketing, cinema ou indústria cultural, as narrativas transmídias passaram a nos atravessar de diferentes formas, formatos e por múltiplos canais. A transmídia é algo intrínseco ao século XXI, não há como ignorar seu impacto e potencial de dispersão da informação, e é caracterizada por uma forte interligação entre as plataformas, como lembra Arnaut et al. (2011):

Na transmídia são utilizadas as mais diversas plataformas de mídia, buscando sempre alcançar o público-alvo e os objetivos do projeto, podendo ser em um lançamento ou no posicionamento de uma marca, na mudança de conceitos ou mesmo no aumento das vendas de determinado produto ou serviço, desde que exista uma interligação entre todas as plataformas de mídia e que o público interaja em mais de um tipo de mídia de forma sinérgica. (ARNAUT et al., 2011, p. 268)

Para Fachine (2012) o termo transmidiação designa, genericamente, um conjunto variado de estratégias de desenvolvimento e distribuição de conteúdos em múltiplas plataformas. Algo que se verifica atualmente com o lançamento de um *blockbuster*, com o produto ganhando versões em forma de video games, livros e animações, por exemplo.

Em alguma medida existe um consenso entre os teóricos da comunicação de que para ser transmídia é preciso existir a utilização de vários tipos de mídias, combinadas de forma estratégica, mas também é necessário uma variedade de conteúdos que se complementam e que nutrem um mesmo universo imagético, trazendo para o receptor, que consome a informação, uma experiência rica em possibilidades e ao mesmo tempo capaz de capturar a sua atenção.

No presente projeto a teoria transmídia permeia todo os processos visto que além do próprio webdocumentário em si ser transmídia, com todas as mídias e hipertextualidades, o projeto possui um Instagram, com quase mil seguidores e que foi fundamental para a divulgação do projeto, bem como das identidades e comunidades tratadas no webdocumentário, e canal no YouTube onde os vídeos do webdocumentário ficarão permanentemente disponíveis para a visualização pública.

5.5 - Visualidades

No webdocumentário *Avenida Central* o audiovisual, a fotografia e a direção de arte são linguagens usadas para a elaboração de um produto que busca dar visibilidade à identidades e comunidades, transformar imaginários e criar novas perspectivas sobre a RA. Procuramos também identificar grupos que consideramos cruciais para a comunidade local, ou seja, buscamos valorizar e enaltecer os árabes palestinos que fizeram do Paranoá a casa deles e atuam no comércio local; os MCs que fazem daquele território o palco para afirmar as suas identidades, falar sobre as suas vivências na periferia do DF e criticar a profunda desigualdade existente na capital do país e, por fim, os influenciadores que por meio das redes enaltecem o que há de melhor no Paranoá, mas também usam essas redes para informar e denunciar problemas presentes na região administrativa, problemas que muitas vezes são vistos primeiramente na avenida da RA..

Para Marques e Campos (apud Berger 1999, Sicard 2006) o conceito de visualidade não remete para a capacidade fisiológica humana de perceber o mundo visualmente, mas sim sobre a relação visual que estabelecemos com o mundo social e culturalmente construído, apoiado não apenas em códigos e linguagens aprendidos mas também num conjunto de objectos, tecnologias e processos de mediação. Logo, a visualidade é sobre uma relação complexa entre quem vê e o que é visto. Acerca do processo de construção da visualidade no audiovisual a professora Nívea Maria de Souza (2016) comenta:

A equipe que integra uma produção cinematográfica (arte, som, fotografia, movimento/interpretação...) labora de forma conjunta a outros domínios de conhecimento, tais como a literatura e as artes visuais e plásticas para investigar formas e meios de se construir uma visualidade compatível com o produto que se deseja. É sobre os mais diversos domínios de conhecimentos que a equipe se nutre de referências estéticas e atmosféricas para criar um conceito que referencie o universo proposto e que a obra se apresentará. (SOUZA, 2016, p.154)

Nesse esforço para a visibilização e construção de novas representações das identidades e comunidades periféricas por meio das visualidades é possível, senão destruir todo e qualquer estereótipo, criar novas possibilidades no imaginário coletivo sobre o que a periferia pode ser e superar assim, aos poucos, estigmas sociais e raciais tão fortemente afirmados pela mídia hegemônica através de telejornais policiaiscos e discursos verbalizados constantemente por uma leva de políticos de extrema direita que propagam a penalização da

periferia como ferramenta de segurança pública. Acerca do uso da imagem como instrumento para a elaboração de novas representações, Martín-Barbero (2007) comenta:

Se é verdade que a crescente presença das imagens no debate, nas campanhas e ainda na ação política, espetaculariza esse mundo até confundi-lo com o mundo das celebridades, dos reinados da beleza ou das igrejas eletrônicas, também é certo que é através das imagens que passa uma construção visual do social, em que essa visibilidade provoca o deslocamento da luta pela representação para a demanda de reconhecimento. Nas imagens virtuais se produz, além disso, um profundo descentramento das instituições e dos modos que têm mediado o funcionamento social das artes. É verdade que no seio das contraditórias dinâmicas desse descentramento o mercado joga um papel chave quando movimenta – e em não poucos casos, coopta – os novos atores e os modos de experimentação e de comunicação estética. Do mesmo modo, é chave o fato de que a expansão e proliferação das performatividades estéticas extrapolam os ardis do mercado. (BARBERO, 2007, p. 36)

Logo, essa “imagem” toma forma no webdocumentário *Avenida Central* por meio das fotografias que estão presentes no Instagram do projeto e no site, mas também no conteúdo audiovisual do projeto. De toda forma, com a fotografia, além de sugerir novas visibilidades, busca-se no presente projeto construir um relato etnográfico sobre a realidade local, e fazer da fotografia instrumento de análise da realidade. Sobre o uso da fotografia nesse tipo de relato, Luciana Bittencourt (1994) comenta:

A contribuição que a fotografia faz ao relato etnográfico não consiste apenas no fato dela ser uma técnica que gera imagens perfeitas do real, mas no fato de fotografias serem produtos de uma experiência humana. Fotografias são raramente utilizadas como um método para a apreensão da interpretação das intenções e da visão de mundo do sujeito cognoscível ou mesmo como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade do texto escrito. (BITTENCOURT, 1994, p. 230)

O presente projeto, em via de regra, é antes de tudo um projeto audiovisual do gênero documental sediado na web, por isso webdocumentário, mas ele cumpre uma função social e política que é permitir que aqueles que durante muito tempo foram objetos de análises intelectuais sejam legitimados como observadores do seus próprios mundos e a partir dessa observação constante do seu entorno possam efetivamente externalizar suas observações e compreensões de mundo através da produção da imagem. O webdocumentário *Avenida Central* não deixa de ser parte de um fenômeno recente no Brasil que é a emergência de uma produção audiovisual da periferia ou “cinema de quebrada”, termo que ganhou projeção com a pesquisa da antropóloga Rose Satiko e que dá nome a um processo audiovisual que busca apresentar a periferia com a sua realidade e atravessamentos por aqueles que vivenciam sua respectiva realidade, como fica claro quando a mesma afirma:

De fato, o primeiro encontro com o objeto que anima a pesquisa que desenvolvo deu-se em uma sala de cinema. Em 2004, durante o 15º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, assisti no Centro Cultural do Banco do Brasil, uma série de curtas-metragens produzidos nas periferias das metrópoles brasileiras por seus moradores. Os filmes apresentam variadas imagens e experiências destas periferias, por vezes, estratégias de sobrevivência, em contextos marcados pela falta de opções de lazer, de educação, de saúde, de segurança. Em outros momentos, destacam-se as densas redes de sociabilidade que constituem a vida em um bairro periférico. A experiência da violência surge em relatos ora realistas, ora surrealistas. São vários os filmes que destacam a experiência estética experimentada na prática de música, dança, grafite e vídeo, em meio ao ocre e cinza da paisagem da periferia. (SATIKO, 2009 p. 116)

O presente projeto audiovisual é um grande relato etnográfico sobre realidades, vivências e experiências que estão à margem da cidade, essa “margem” no presente projeto se tornou lar para alguns, palco para a manifestação e vivência da arte, mas também objeto de denúncia e celebração através de muitos *stories*, *reels* e *posts*. Logo, as visualidades no webdocumentário *Avenida Central* têm papel fundamental em mostrar que tudo aquilo que está na margem na verdade são centros, porque cada um desses centros é construído por comunidades que vivem diariamente o Paranoá.

Dessa forma, no presente projeto a construção da visualidade através de um webdocumentário é usada como ferramenta para superar a ideia de que o Plano Piloto é o centro único das experiências comerciais, culturais, virtuais e subjetivas da cidade. Ainda que essa seja a região mais privilegiada por equipamentos e infraestrutura pública, a alma da cidade no fim de tudo reside nesses múltiplos centros, sendo que aqui são destacados os que fazem a identidade do Paranoá. Os múltiplos centros, no entanto, também estão na Ceilândia, Taguatinga, Itapuã, Recanto das Emas, Samambaia, Santa Maria, Planaltina, Sobradinho e todas as regiões administrativas que compõem o Distrito Federal, portanto a cidade, com suas múltiplas identidades e comunidades. Elas dependem da visualidade tanto no sentido dos mecanismos que permitem que elas sejam vistas, como também da visualidade construída de maneira nem sempre deliberada, mas que termina por atribuir identidade a determinadas comunidades por meio de uma linguagem simbólica e visível. O uso do webdocumentário nesse projeto tem como objetivo, portanto, dar visibilidade a esses grupos informais que se formam no contexto urbano de uma forma fluida, porém não menos relevante.

6 - CONTEXTUALIZAÇÃO

6.1 - O Paranoá

O Paranoá é uma região administrativa do Distrito Federal que compõe a Unidade de Planejamento Territorial (UPT) Leste, juntamente com Itapoã, São Sebastião e Jardim Botânico. A RA é resultado da transferência da antiga Vila Paranoá, que foi um dos acampamentos da época da construção de Brasília, para a região que ficava ao lado. Fundada em 1957, a vila funcionava como cidade dormitório para aqueles que trabalhavam na construção de Brasília e da usina hidrelétrica. Com o passar dos anos, a região administrativa foi crescendo, quando se tornou, na década de 1980, uma das maiores invasões do Distrito Federal.

A oficialização do Paranoá como Região Administrativa do Paranoá – RA VII ocorreu em 10 de dezembro de 1964 por meio da Lei nº 4.545, que dividiu o DF em 8 Regiões Administrativas. Após a fixação da Vila Paranoá, a área do antigo acampamento tornou-se um parque ecológico, aprovado pelo então Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) em 3 de junho de 1992 e instituído pelo Governo do Distrito Federal por meio do Decreto 15899/94.

O parque se tornou um grande quintal histórico do Paranoá, com algumas poucas construções preservadas como prova da história e onde inclusive está situada a Igreja São Geraldo, histórica igreja que nasceu com a antiga vila e que foi por muito tempo a única igreja da região. No site da Administração Regional do Paranoá é possível encontrar algumas informações sobre a RA, como: o Paranoá possui uma área total de 851,94 Km² constituída por uma área urbana formada pelas URB 148/89, URB 101/99 e URB 063/08, e uma área rural significativa, formada por propriedades de produtores rurais organizados em Cooperativas Agrícolas, Associações, Federações e outras organizações rurais. As informações ainda citam os dados da Secretaria de Estado de Agricultura do Distrito Federal – SEAPA que classifica o Paranoá como a segunda maior região produtora do DF, atrás apenas de Planaltina, com uma área agricultável de 53.000 hectares e 1.926 propriedades. Confira abaixo os mapas da RA coletados no Google Maps:

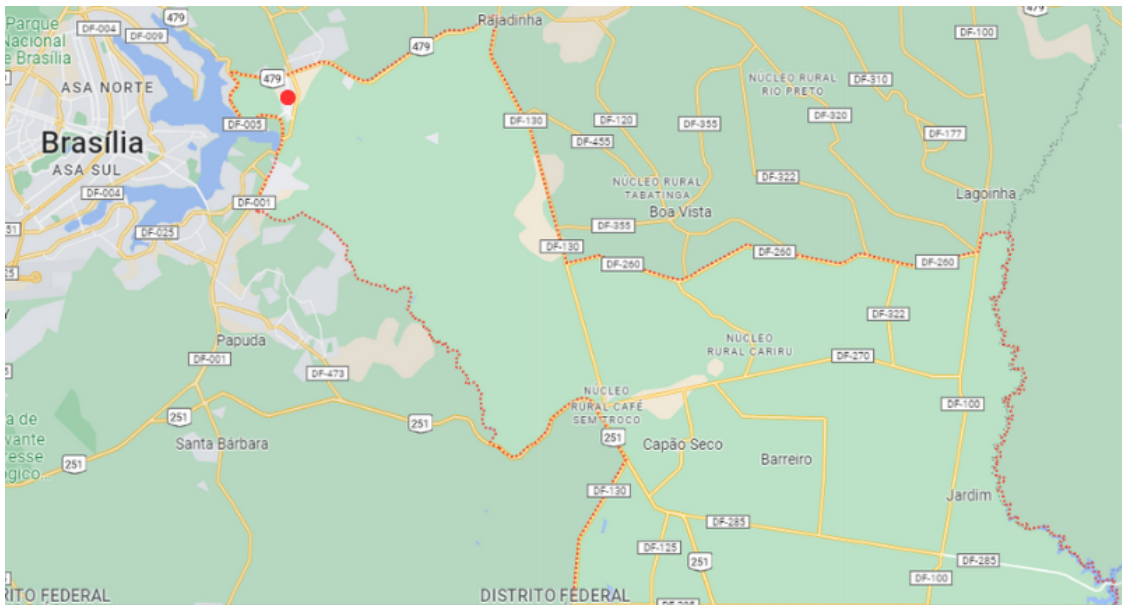


Figura 1 - Área total do Paranoá no DF e sua área urbana principal com o pontilhado vermelho no Google Maps.

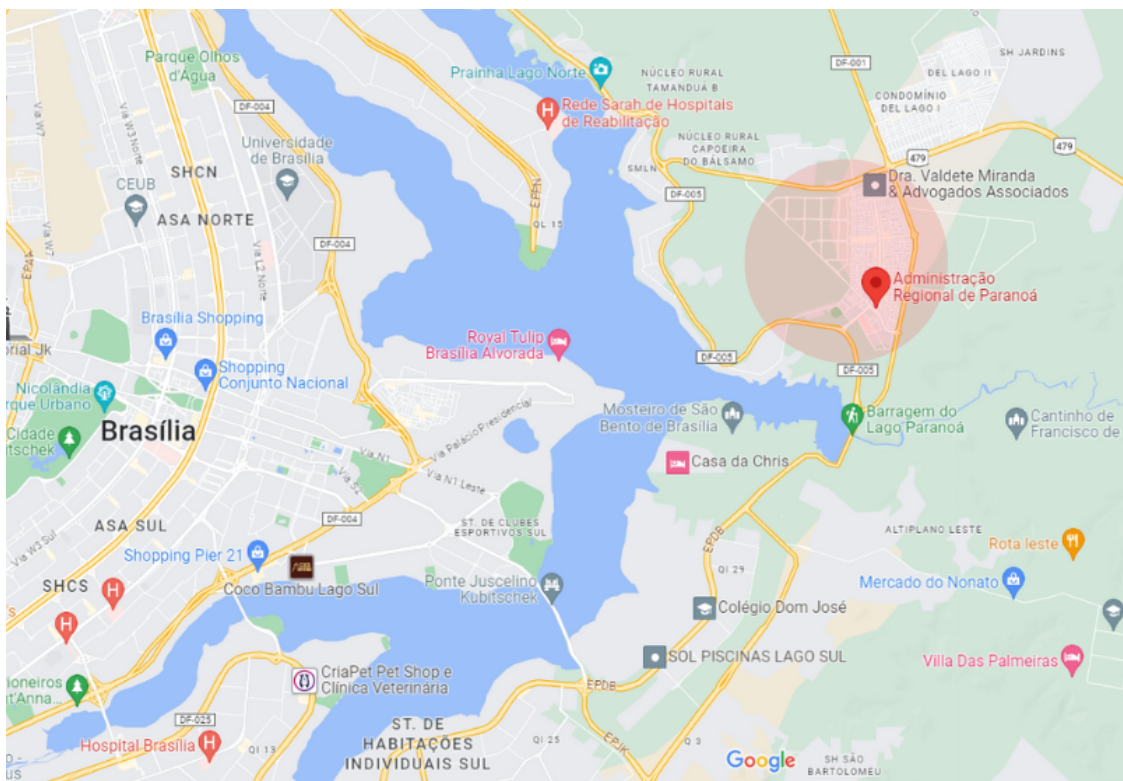


Figura 2 - Localização da área urbana do Paranoá a partir da sua Administração Regional, destacado no círculo em vermelho, no Google Maps.

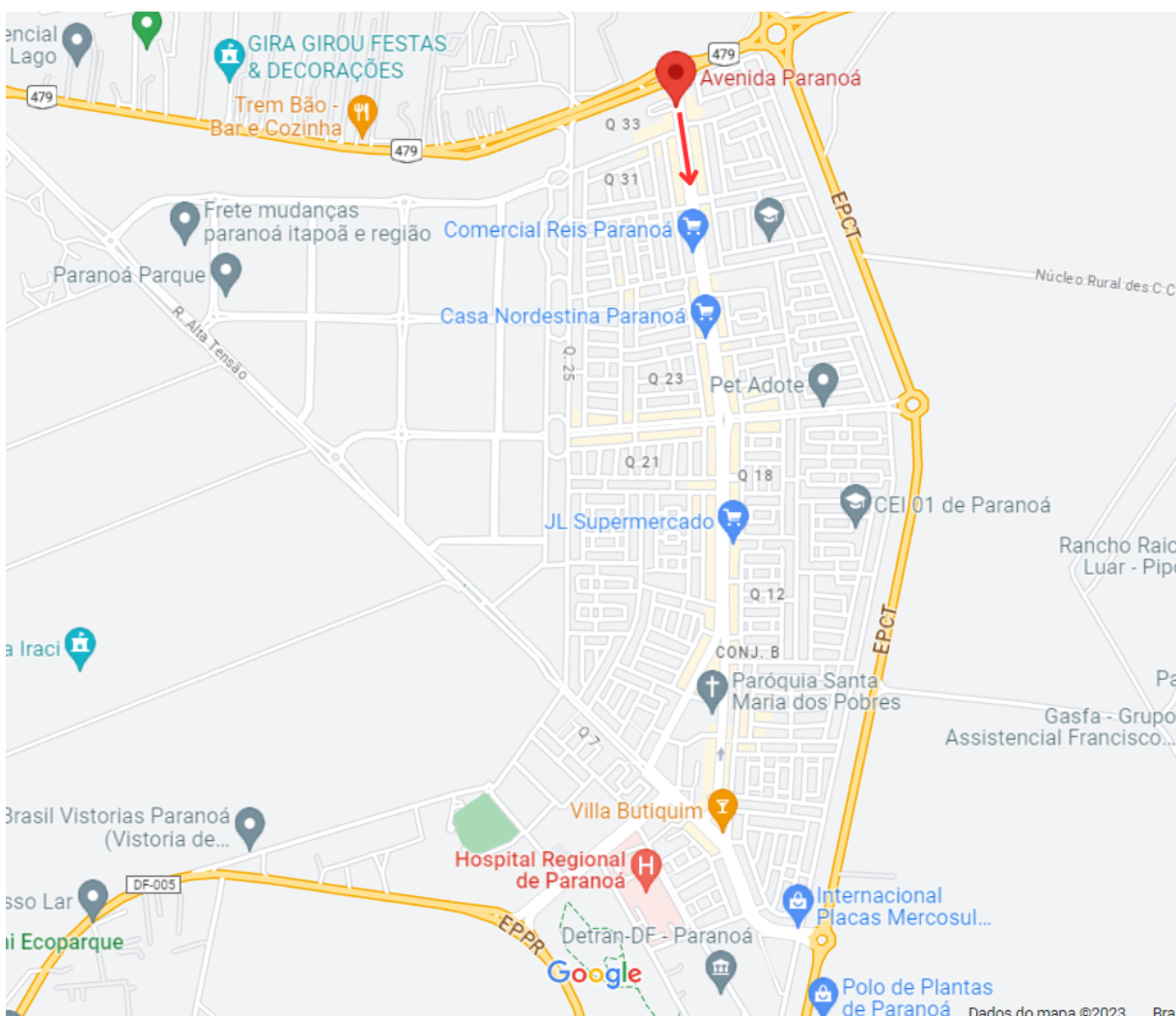


Figura 3 - Localização da Avenida Paranoá, e sua direção apontada pela seta em vermelho, no Google Maps.

Apesar de o Paranoá abranger uma área rural bastante extensa, esse webdocumentário vai tratar especificamente de comunidades que se delineiam em torno do espaço urbano da avenida da RA. Isso se justifica pelo fato de essa área ter uma maior densidade populacional que permite a identificação de algumas comunidades que aqui foram chamadas de “centros”.

6.2 - A imigração árabe palestina no Brasil

A presença árabe palestina no Paranoá D-F, tratada no webdocumentário, insere a RA em um contexto global de imigração árabe palestina em virtude do *apartheid* e do etnocídio cometido pelo estado de Israel contra o povo palestino. Com a *Nakba*, palavra árabe que significa catástrofe, em 1948, milhares de árabes palestinos foram forçados a saírem de suas

terras por conta da ocupação israelense, como afirma o consagrado intelectual palestino Edward Said (1979, p. 52) em sua obra *A Questão da Palestina*.

Há controvérsia sobre quantos palestinos foram forçados a deixar seu país e suas terras em 1948 (os números variam de 500 mil a 800 mil; mesmo fontes israelenses contestam esses números mas não o êxodo em si), mas é consenso que esses refugiados existem. (SAID, 1979, p.52)

São 75 anos de imigração forçada devido a um conflito que, em alguma medida, é negligenciado pela comunidade internacional. De acordo com o relatório “Tendências Globais” da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), divulgado em 2021, ao final de 2020 havia 5,7 milhões de refugiados palestinos, o que demonstra a gravidade e a dramática situação dos refugiados palestinos no mundo.

Segundo a ‘Pesquisa Nacional Exclusiva sobre Árabes no Brasil’ realizada pelo Ibope Inteligência em parceria com a H2R Pesquisas Avançadas e encomendada pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira, divulgado em 2020, 6% da população brasileira é formada por árabes e descendentes, o que, segundo a pesquisa, equivale a 11,61 milhões de pessoas. Como mostra a pesquisa, a comunidade árabe no Brasil é bastante significativa, o que demonstra que o Brasil se tornou lar para milhões de árabes que resolveram deixar os seus países pelos mais diversos motivos para construir uma nova vida no maior país da América do Sul.

Mas quando falamos da comunidade árabe palestina, a principal razão para a imigração é o *apartheid* israelense, logo não se trata apenas de imigrantes mas sim de refugiados. A Federação Árabe Palestina do Brasil – FEPAL, fundada em 1979 e que representa a diáspora palestina no Brasil, afirma em seu site que a comunidade árabe palestina no país é constituída por cerca de 60.000 imigrantes, entre refugiados e seus descendentes. Na América Latina, a maior comunidade palestina reside no Chile, e, segundo uma reportagem da BBC Brasil de 2019 intitulada “Como o Chile reuniu a maior comunidade palestina fora do Oriente Médio”, de Marcia Carmo, a comunidade no país andino reunia algo em torno de 350 mil e 500 mil pessoas, cerca de 3% dos 18 milhões de habitantes do país andino, estimativa que levava em conta estudos de acadêmicos e de lideranças da comunidade palestina.

No nosso projeto o Seu Mufid Muhamad Salem, comerciante árabe palestino que possui lojas na avenida no Paranoá, afirma que no DF a comunidade árabe palestina está espalhada pelo Paranoá, Gama e em Taguatinga, sendo que muitos desses também atuam no

comércio, ofício que é uma tradição dentro da comunidade árabe. De toda forma, não há dados oficiais sobre os números de árabes palestinos residentes no Distrito Federal, mas muitos daqueles que chegam são trazidos por parentes residentes no DF.

Durante a pesquisa para o webdocumentário foram identificados outros nomes árabes palestinos presentes no Paranoá, mas que não aceitaram serem entrevistados e gravados como é o caso do Seu Omar, dono da rede de lojas Nadia, muito presente na avenida do Paranoá, Hussein, filho do Omar, e dono da loja de maquiagens HF Makeup, Moeen Sabtyl, ex-comerciante da região, Seu Brahim, amigo do Mufid e morador do Paranoá, e Billi Abu Mohammed, funcionário e parente do Mufid, que inclusive se mostrou muito disposto a ajudar o projeto, mas por conta do tempo não foi possível gravar com o mesmo.

Para melhor contextualização da presença árabe palestina no Paranoá o webdocumentário traz a fala da cientista política nascida e criada na RA, Maria Clara Araújo, pesquisadora do Instituto de Ciência Política (IPOL) da Universidade de Brasília, que possui atuação em organizações voltadas para a questão palestina e desde 2020 pesquisa o tema.

6.3 - Influenciadores do Paranoá

Os influenciadores são um fenômeno das mídias sociais e muitos reúnem milhões de seguidores seja no Instagram, Tik Tok, You Tube, Twitter, dentre outras plataformas, e é inegável o potencial desses profissionais para influenciar e mobilizar massas. Eles nasceram com as redes sociais e nessas é possível encontrar influenciadores voltados para todo tipo de nicho, seja moda, *lifestyle*, esportes, ciência, cinema, cultura pop, política dentre outros temas. No Brasil, alguns deles não possuem só milhões de seguidores como legiões de fãs, além disso são queridos por marcas e capazes de enfrentar políticos fascistas, como no caso do Felipe Neto que foi uma voz poderosa contra o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, sendo inclusive convidado para dar uma entrevista ao The New York Times em 2020. A pesquisadora Issaaf Karhawi (2017) comenta sobre o processo de construção do termo “influenciador” no Brasil:

O termo influenciador digital (e antes dele, sua versão em língua inglesa; *digital influencer*) passou a ser usado mais comumente, no Brasil, a partir de 2015. Um dos principais motivos pode estar atrelado à entrada de novos aplicativos na esfera de produção desses profissionais que deixaram de se restringir a apenas uma plataforma – só o YouTube, no caso dos vlogueiros; ou só o blog, no caso dos blogueiros. Um

exemplo: desde 2006, a blogueira Camila Coutinho mantém seu blog Garotas Estúpidas, que já foi considerado o sétimo blog de moda mais influente do mundo pela Signature 913. Apenas em 2014, no entanto, a blogueira postou seu primeiro vídeo no YouTube. Desse modo, o termo blogueira parece limitar a sua atuação nas redes sociais digitais. Em 2015, por exemplo, o Snapchat – lançado em 2011 – alcançou números importantes de uso entre os internautas brasileiros, o que levou os blogueiros e vlogueiros a participarem também dessa plataforma – a fim de alcançar cada vez mais públicos diferentes e, também, acompanhar seus leitores em múltiplas plataformas. (KARHAWI, 2017, p.53)

Sem dúvida alguma o Brasil foi um dos países onde mais rápido se popularizou a categoria de influenciadores, e muitos deles frustraram totalmente a ideia de que seriam passageiros ou superficiais. Em alguma medida, todos somos um poucos influenciadores e as nossas escolhas, expressão, bem como nossos modos de vida não deixam de influenciar os nossos amigos, parentes e conhecidos que estão presentes nas nossas redes.

É nesse contexto de micro influência que nasceram os influenciadores tratados no nosso webdocumentário, como o influenciador Warly Vieira criador do *Paranoá Reels*, projeto que busca apresentar o que há de melhor no Paranoá bem como mudar opiniões internas e externas sobre a região administrativa por meio do Instagram, e a Brenda Paulino que se tornou uma voz da comunidade local denunciando problemas na avenida e na região do Paranoá, mas que também teve papel fundamental durante a pandemia da Covid 19 informando e orientando os moradores do Paranoá acerca do locais de vacinação e da importância da imunização, colaborando assim na campanha de imunização do SUS que era fundamental contra as altas taxas de letalidade causada pelo vírus e que naquele momento era fortemente atacada e descredibilizada pelo então presidente da República.

6.4 - O hip hop

Os MCs da Batalha de Rima do Paranoá trazem todo o universo de símbolos e referências do universo *hip hop*, então a roupa, o cabelo, os acessórios, termos, comportamento, forma de falar e trejeitos, são combinados com a crítica presente nos versos sobre os dilemas vivenciados diariamente na periferia da capital do país.

Logo, todo esse universo subjetivo da cultura *hip hop* é aplicado à realidade local com as suas especificidades regionais e culturais, vide que é de amplo conhecimento nacional a identidade marcante do *hip hop* do DF. A historiadora Eliane Oliveira (2017, p. 75) em sua dissertação de mestrado intitulada “Do gangsta às minas: o *rap* do Distrito Federal e as

masculinidades negras” lembra que o estilo Gangsta, subgênero do *rap* que aborda os problemas sociais vividos por comunidades racializadas e pobres em regiões periféricas, se tornou uma referência no rap do DF e a partir disso muitos grupos locais surgiram na cena local, como afirma:

O estilo Gangsta se tornou uma referência na cena RAP-DF a partir de 1993, neste ano vários grupos foram formados. Entre eles, o grupo Álibi, com o álbum, “Abustre”, 1995, composto pelo ex-integrante do grupo Câmbio Negro, o DJ Jamaica, e o seu irmão Rivas. O grupo Cirurgia Moral, com o álbum “Cérebro Assassino”, do rapper Rei. Os dois discos foram sucesso e transformaram o RAP Gangsta em uma espécie de identidade do RAP-DF. As músicas produzidas pelos grupos são referência na história da música RAP internacional, o grupo Álibi, inclusive, teve duas músicas incluídas na trilha sonora do filme: *Collateral Damage* (Efeito Colateral), EUA, 2002, de Andrew Davis. (OLIVEIRA, 2017, p. 75).

É nesse contexto que a Batalha de Rimas do Paranoá, ponto de encontro dos MCs locais, é o indício da força e solidez da cultura *hip hop* do Distrito Federal, e ao mesmo tempo não deixa de ser uma perpetuação de uma tradição local que começou ainda no anos setenta como expressão da periferia, mas também como crítica à violência policial em uma conjuntura de forte segregação social no DF, visto que desde a construção de Brasília os trabalhadores e suas famílias foram severamente apartados da vivência da cidade e de tudo o que ela permite para quem reside no Plano Piloto. A presença dos MCs nesse webdocumentário representa, portanto, a importância que essa comunidade tem para a formação da identidade cultural do Paranoá e do DF, seja como manifestação cultural em um território desprovido de espaços físicos para a cultura, como já comentado, seja como potencial crítico sobre a própria realidade local.

7 - METODOLOGIA

7.1 - Pesquisa inicial

Para a produção do webdocumentário *Avenida Central* inicialmente foram assistidos, como fonte de referências narrativas, virtuais, visuais e estéticas, os webdocumentários *Fotografias e Trajetórias*, do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da Universidade de São Paulo, *Nossos Olhares: mulheres negras na fotografia*, de Ísis Oliveira,

realizado na FAC e os documentários *Fresh Dressed* (2015) de Sacha Jenkins e *Dentro da Minha Pele* (2020) de Val Gomes e Toni Venturi.¹

A partir disso, e da pesquisa teórica concomitante à visita aos sites e mencionada no referencial teórico deste memorial, iniciei o processo de elaboração de qual recorte eu daria para retratar o Paranoá no webdocumentário, visto que era necessário uma delimitação de assunto dentro do objetivo de pesquisa, o “Paranoá”. Logo, para esse fim houve uma busca pelas comunidades que, dentro da região administrativa chamavam a atenção dos habitantes locais por alguma razão, e ficou claro em conversas com familiares, parentes e amigos que os árabes palestinos, que são chamados localmente de “gringos”, eram muito queridos pela população adulta, os MCs eram bastantes celebrados pelo público jovem e adolescente, e os influenciadores causavam algum tipo de engajamento com a população local nas redes locais envolvendo as temáticas relacionadas à região administrativa.

Após esse processo, houve a busca por identidades visuais que seriam referências para o *brand* do projeto, compreensão teórica do que seria webdocumentário, qual a diferença entre o gênero e o documentário tradicional, contextualização a respeito das comunidades abordadas, pesquisa sobre como nasceu a cultura *hip hop* no Distrito Federal, e busca de dados sobre a comunidade árabe no Brasil, refugiados árabes palestinos e as razões histórico-políticas que causam tamanho drama humanitário no Oriente Médio.

7.2 - Definição dos grupos e escolha dos personagens

O webdocumentário *Avenida Central* nasceu com o objetivo de apresentar identidades e comunidades da Região Administrativa do Paranoá, periferia de Brasília, visto que a baixa representatividade e má representação da RA nos meios de comunicação evidenciava a necessidade de um projeto que mostrasse o que há de melhor no Paranoá, sobretudo as pessoas que fazem a região administrativa seja por meio do comércio, da cultura ou da internet.

¹ Links para os webdocumentários e documentários mencionados acima: *Fotografias e Trajetórias*, <https://sites.usp.br/fotografias/>; Nossos Olhares: mulheres negras na fotografia, <https://www.nossosolhares.com/>; *Fresh Dressed*, <https://www.youtube.com/watch?v=cGIwRdbGZMY>; *Dentro da Minha Pele*, <https://globoplay.globo.com/dentro-da-minha-pele/t/nzTH6NWYOj/>. Acesso em: 30. abril de 2023.

Quem passa pela Avenida Paranoá pode se deparar com a Batalha dos MCs na praça central, presença significativa da comunidade árabe no comércio ou com alguns cliques no Instagram, pode se deparar com um influenciador fazendo propaganda de uma pizzaria local na rede social, ou seja, a avenida também ganha uma dimensão no universo da internet.

O contato inicial com os personagens do webdocumentário se deu tanto por meio do Instagram, como por meio de amigos comuns bem como por meio de visita ao local onde a comunidade estava, como no caso da comunidade árabe palestina do comércio, grupo onde houve o maior esforço para o levantamento de entrevistados, no entanto o único que aceitou conceder uma entrevista para o webdocumentário foi o Seu Mufid Mohamed Salem. Ao todo foram selecionados oito personagens cujos perfis foram posteriormente apresentados no Instagram do projeto.

7.3 - Identidade Visual

O projeto tem como eixo fundamental visibilizar identidades e comunidades que são atravessadas territorialmente, comercialmente ou subjetivamente pela avenida principal do Paranoá. Logo, foi decidido que o nome do webdocumentário seria *Avenida Central*, devido à temática do projeto e a todos os atravessamentos que o território causa na vida dos personagens apresentados no webdocumentário.

Diante disso, a marca do projeto precisava ser urbana, jovem, transgressora e ao mesmo tempo precisava gerar conexão da comunidade local com o projeto. Para isso, houve uma busca por algumas referências na plataforma de design gráfico Behance, referências que traziam o conceito periférico e urbano que estava sendo buscado para a marca, como apresentado no *moodboard* da figura 2:



Figura 4 - Moodboard.

As referências trazem fontes com forte identidade urbana e conexão com a cultura *hip hop*. Após o processo de pesquisa por referências no Behance², houve a escolha da fonte que seria utilizada, e a família escolhida foi a Tape Flow desenvolvida por Max Tharkov.

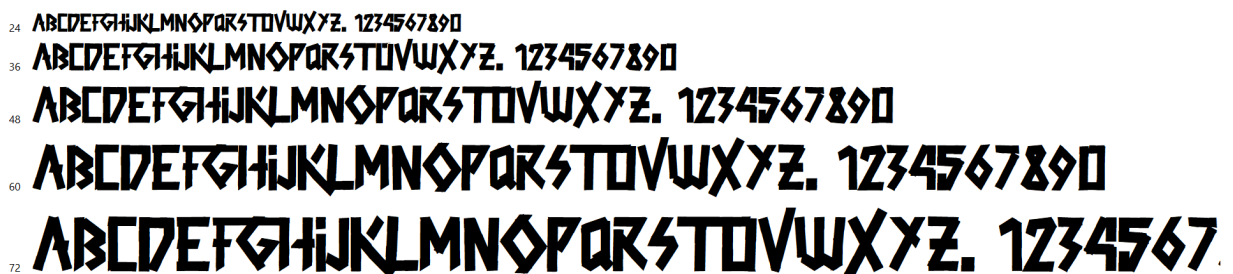


Figura 5 - Fonte Tape Flow de Max Tharkov.

A fonte gratuita está disponível no ³perfil de Max Tharkov no Behance e, segundo a sua própria descrição, é inspirada em fitas adesivas e em alguns dos antigos cartazes de skate, bem como em fontes artesanais. Logo, a fonte é muito adequada para a identidade desenvolvida para o projeto devido ao conceito urbano, disruptivo e conectado à cultura *hip hop*. Em relação às cores escolhidas para a marca, além de serem tons muito presentes nas

² Behance é uma plataforma gratuita da Adobe, cujo objetivo é conectar profissionais de áreas criativas, como designers (gráficos, de produtos, de jogos, de animação), fotógrafos e demais profissionais envolvidos com projetos visuais. Link: <https://www.behance.net/>.

³ Perfil de Max Tharkov no Behance. Link: <https://www.behance.net/gallery/74741673/TAPE-FLOW-Free-Font>

referências do Behance, são tons bem presentes nos letreiros das lojas da Avenida Paranoá e que vão de encontro aos anseios da identidade do projeto.

**AVENIDA
CENTRAL**

**AVENIDA
CENTRAL**

AVENIDA CENTRAL

Figura 6 - Testes com a Tape Flow de Max Tharkov.

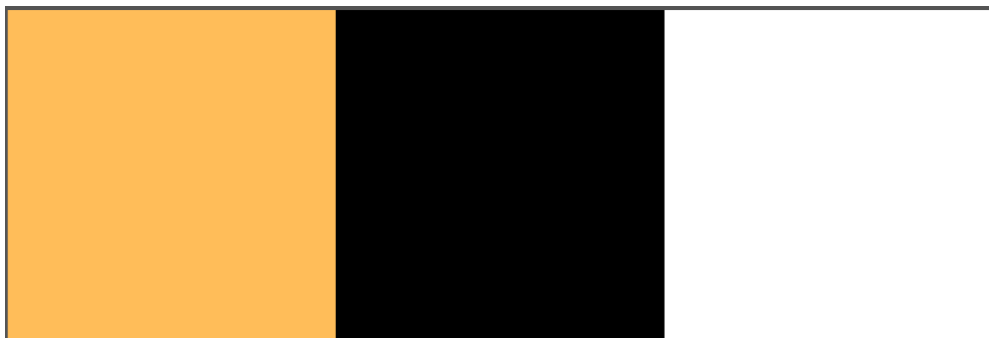


Figura 7 - Tons da marca do projeto.



Figura 8 - Aplicação.

7.4 - Produção do webdocumentário

As gravações do webdocumentário ocorreram nos meses de abril, maio e junho de 2023. Todos os equipamentos utilizados na produção do projeto foram cedidos pela Núcleo Técnico de Audiovisual da FAC, e para a produção do projeto, Mateus Pinheiro, idealizador do webdocumentário ⁴*Avenida Central*, contou com a ajuda do Vinícius Alves, colega de FAC, recém-formado no curso de Publicidade e Propaganda, que cuidava do som e da assistência geral durante as gravações.

Muitas das gravações ocorreram durante o dia, mas no dia da gravação da Batalha do Paranoá na Praça Central as gravações ocorreram no noturno, por conta do horário da batalha, o que foi um desafio por conta da ausência de equipamentos audiovisuais para iluminar as gravações em um horário em que não há tanta luz natural.

⁴ Link para o webdocumentário: <https://www.avenidacentralwebdoc.com.br/>

Nas gravações com os entrevistados, era utilizado um padrão de perguntas dentro de um roteiro não estruturado que era comum a todos como nome, idade e conexão com o Paranoá, no entanto as demais perguntas tinham relação com a comunidade, pertencimento e atividade desempenhada pelo entrevistado ou entrevistada. No fim de tudo, as entrevistas eram mais um diálogo entre duas pessoas do que simplesmente um bate volta, então em alguma medida isso deu naturalidade para as gravações, o que era um dos objetivos do projeto, estabelecendo assim uma relação de igualdade entre o entrevistador e o entrevistado. A edição das três partes audiovisuais do projeto ocorreu logo após o término das gravações de todos os convidados para o webdocumentário, e o *software* utilizado para a edição dos vídeos foi o Davinci Resolve. Todos os vídeos editados que compõem o webdocumentário ficarão disponíveis no próprio site do projeto, mas também no canal do webdocumentário no YouTube⁵.

Para o financiamento de alguns custos do projeto foi realizado um sorteio, onde quem ficou em primeiro lugar ganhou o livro "Quarto de Despejo" da Carolina Maria de Jesus, segundo lugar ficou com um copo em formato de câmera e em terceiro lugar ficou com uma luminária seminova na cor azul, o sorteio foi lançado na página do projeto no Instagram. Ver campanha no Instagram no anexo 12.1 desse memorial.

7.5 - Esquema de navegação

O site do projeto foi desenvolvido na plataforma WIX e quando o usuário entra no site primeiramente ele se depara com a *home page*, que foi pensada para lembrar uma grande tela de uma sala de cinema, onde passa um pequeno *take* da abertura do webdocumentário que foi gravado na *Avenida Paranoá*. No cabeçalho da *home page* há sete opções, além do "Início", há o "Sobre", "Localização", "Centros", "Entrevistados", "Créditos" e "Contatos" que direcionam para as suas respectivas páginas.

⁵Link para o canal do projeto no YouTube:
<https://www.youtube.com/channel/UCBUU5JmG6WbzquCSybF5xqw>



Figura 9 - Home Page.

Na aba “Sobre” há um pequeno texto explicando a compreensão de “múltiplos centros” para o webdocumentário, como os grupos são atravessados pela Avenida Paranoá e como a partir dos seus respectivos grupos contribuem para formação da identidade cultural da região administrativa.

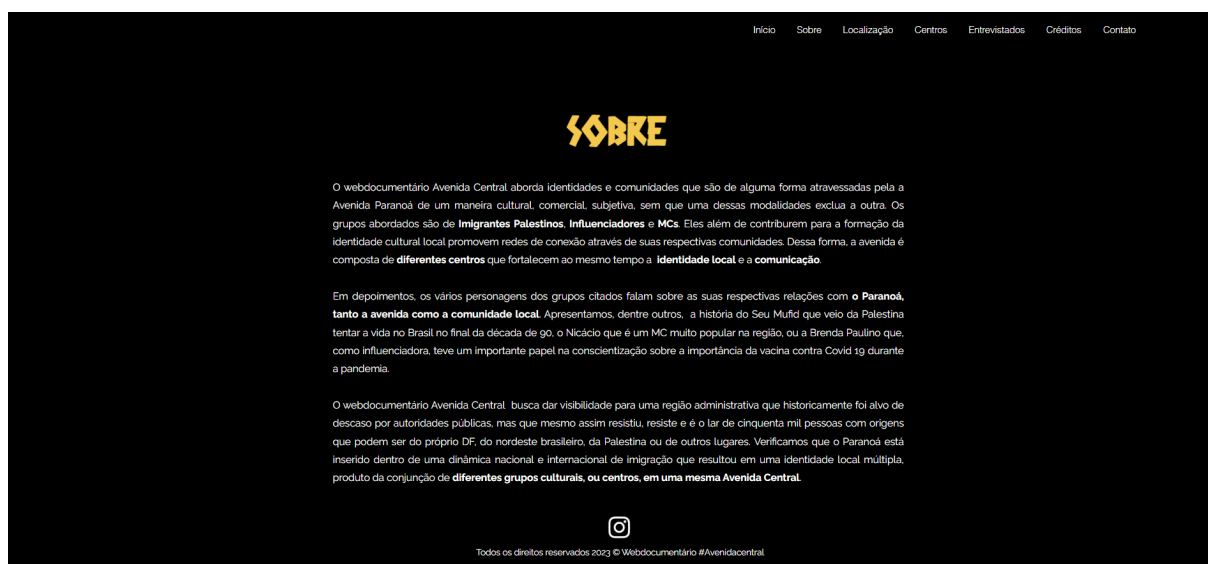


Figura 10 - Aba “Sobre”.

A página “Localização” apresenta o mapa do Paranoá com a localização de sua avenida na RA, o que situa o usuário sobre o território antes de entrar na página “Centros”.

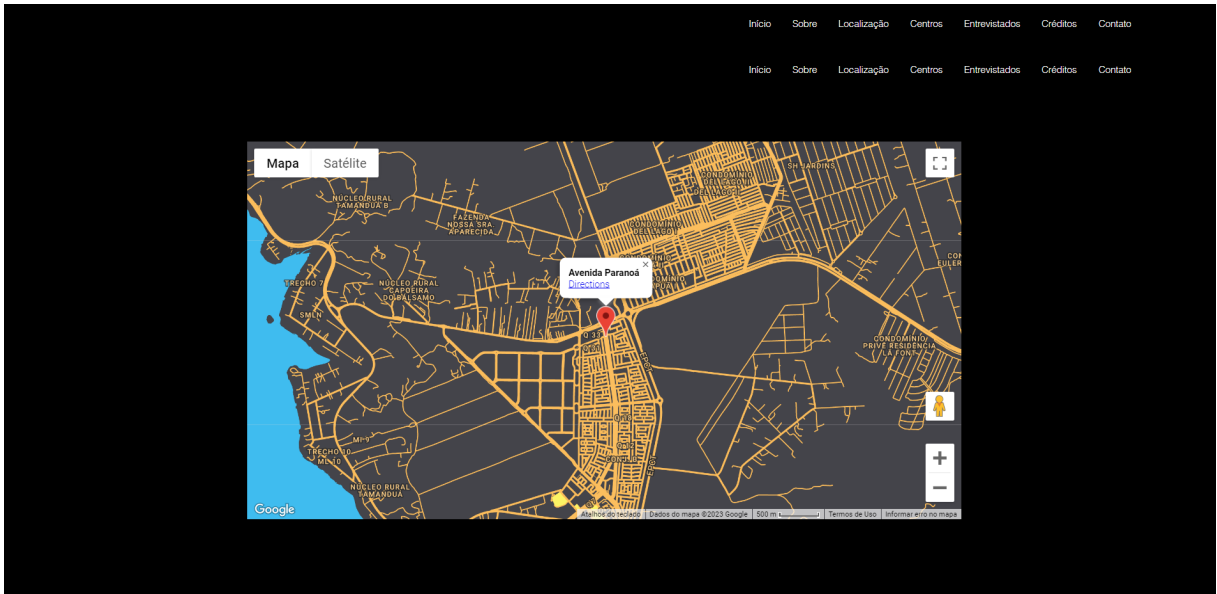


Figura 11 - Aba “Localização”.

Na aba “Centros”, a página que pode ser considerada o coração do site, há o vídeo de abertura do webdocumentário e três botões com os títulos “Árabes Palestinos”, “Influenciadores” e “MCs da Batalha de Rimas”. Eles direcionam para as páginas com as gravações do webdocumentário, textos e galeria de fotos dos seus respectivos grupos.

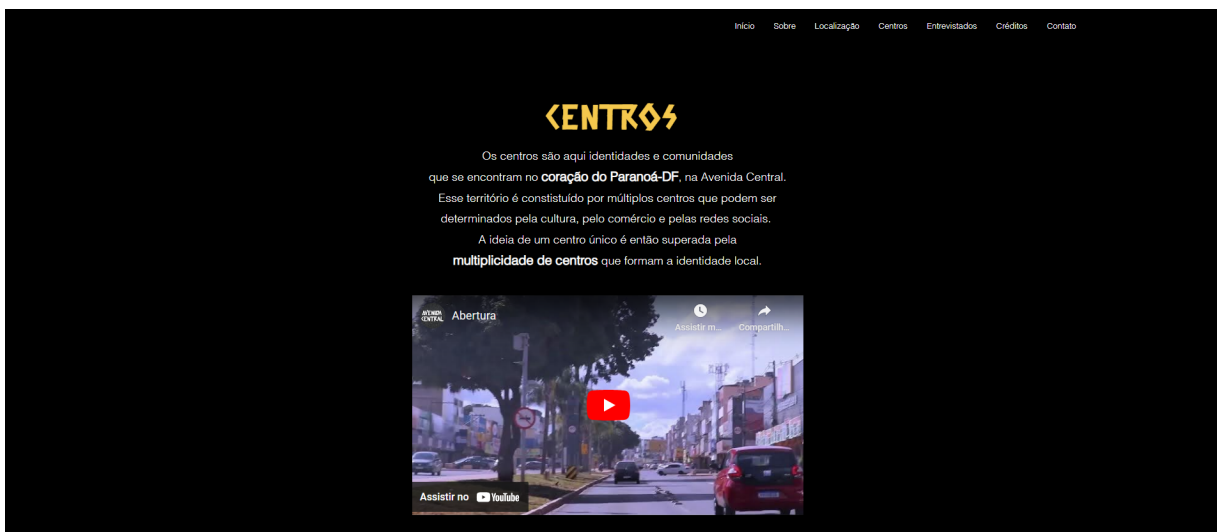


Figura 12 - Aba “Centros”.

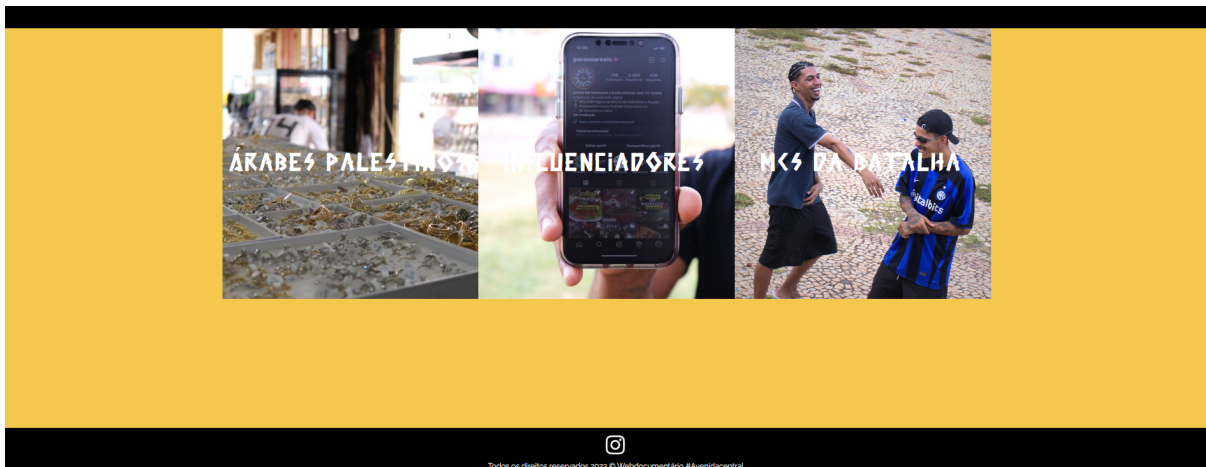


Figura 13 – Continuação da aba “Centros”.

Quando o usuário clica em um dos botões, como “Árabes Palestinos” por exemplo, ele direciona para a página do grupo, onde o usuário pode assistir a parte audiovisual do webdocumentário, ler os breves textos de contextualização sobre a comunidade em questão e ver as galerias de fotos, processo que se repete nos outros dois grupos, “Influenciadores” e “MCs da Batalha de Rimas”. A ordem de visualização é vagamente sugerida pela navegação vertical dessas três categorias dentro de cada grupo, mas ela não prejudica a compreensão do projeto, o que vai ao encontro das teorias apresentadas sobre o webdocumentário, onde este é pensado com o objetivo de fornecer autonomia para o usuário na visualização dos conteúdos, autonomia que ele ou ela não teria assistindo um documentário tradicional, além do uso de mídias diferentes.



Figura 14 - Aba “Árabes Palestinos” com acesso a partir da aba “Centros”.

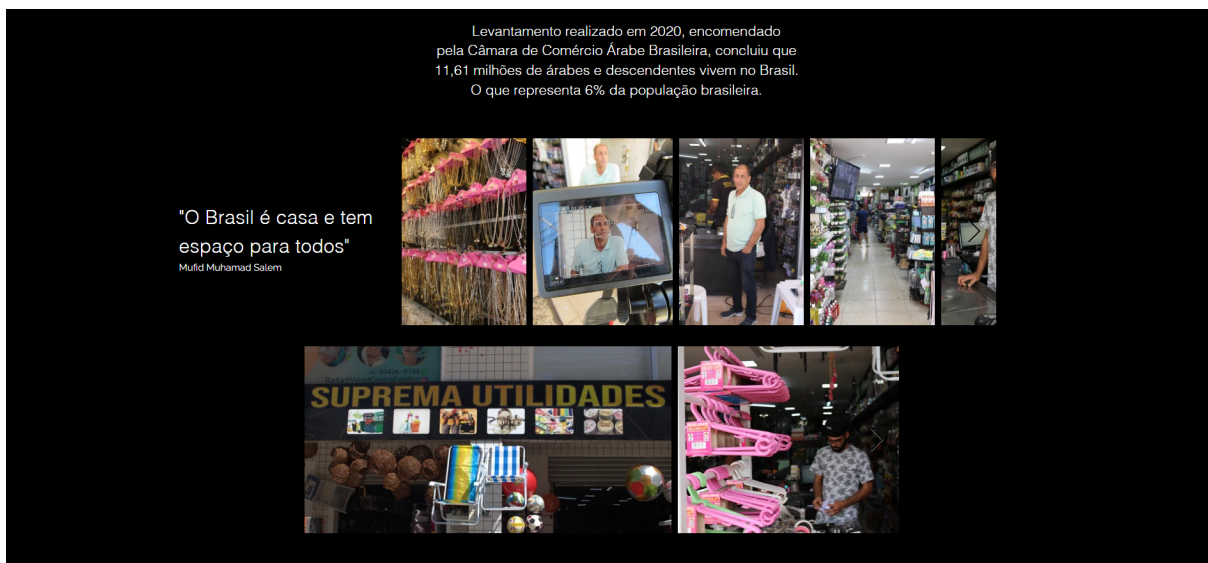


Figura 15 - Continuação da aba “Árabes Palestinos”.

Após os “Centros “ há a aba “Entrevistados” que apresenta todos e todas que foram gravados e entrevistados para o webdocumentário com uma foto e informações de cada um.

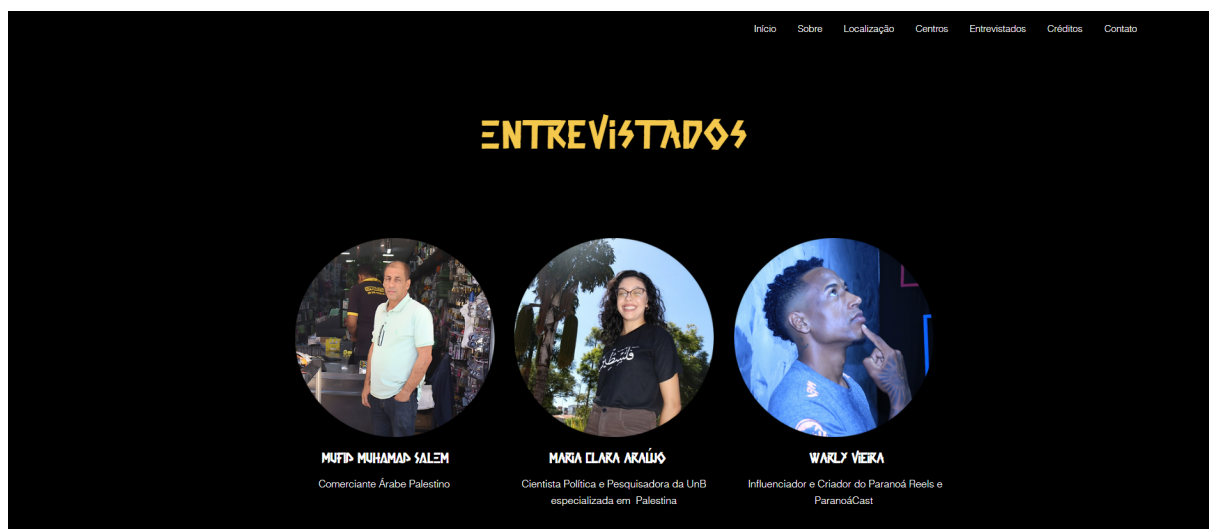


Figura 16 - Aba “Entrevistados”.

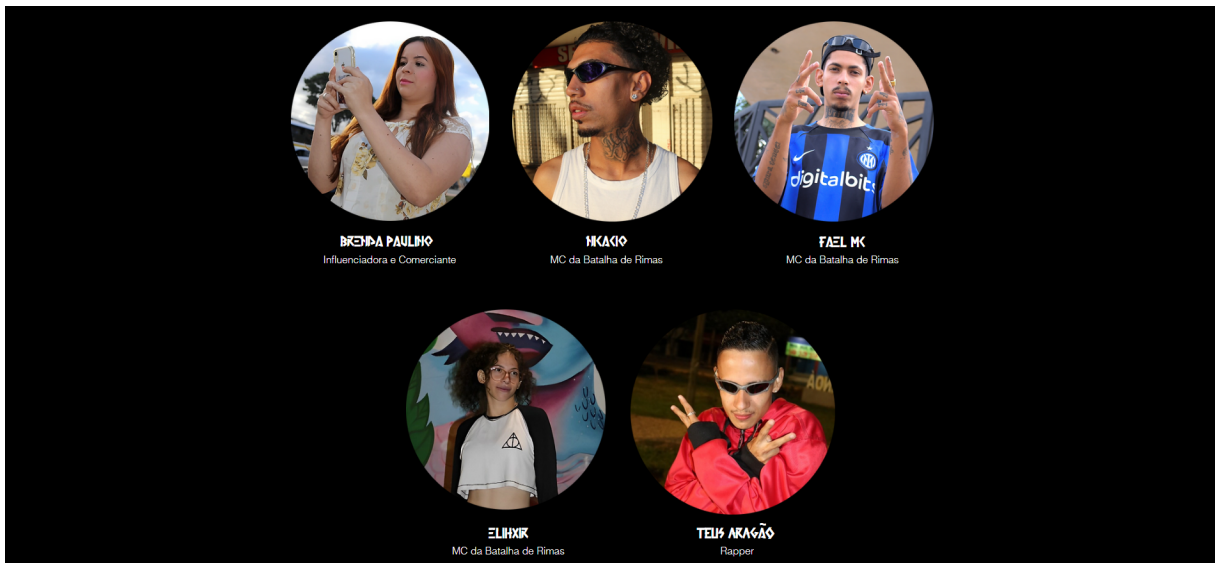


Figura 17 - Continuação da aba “Entrevistados”.

A página dos créditos foi elaborada para imitar os créditos de um filme tradicional. Inicialmente há um breve texto que explica ao usuário que o *Avenida Central* é um projeto final de graduação de Mateus Pinheiro sob orientação da professora Susana Dobal, após esse breve texto estão todos os ofícios técnicos envolvidos na produção do webdocumentário, bem como os nomes de todos e todas que fizeram parte do elenco do projeto, ou seja, que foram gravados.

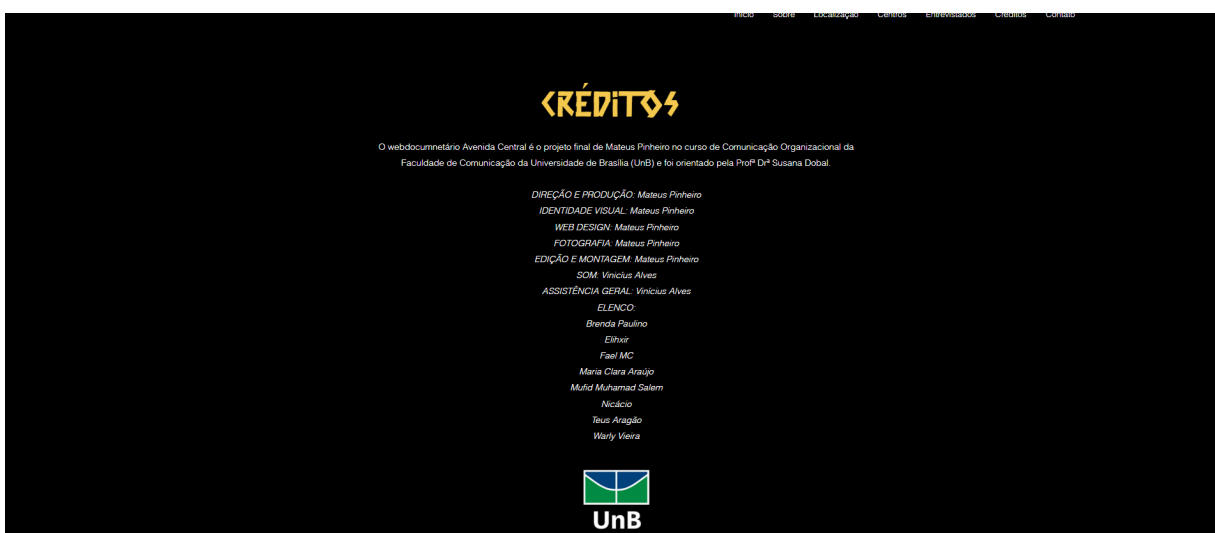


Figura 18 - Aba “Créditos”.

A última página é a parte dos contatos, ela se configura como a mais simples de todas visto que há apenas um formulário para contato.



Figura 19 - Aba “Contato”.

7.6 - Instagram

O Instagram⁶ foi uma parte de suma importância para o webdocumentário, pois além de ele permitir uma dimensão transmídia para o projeto, a rede social promoveu uma grande visibilidade para o *Avenida Central*, o que permitiu alcançar quase mil seguidores em menos de um mês depois de iniciada a conta no Instagram com o user @avenidacetalprojeto.

Nessa rede social, os bastidores do projeto eram sempre apresentados nos *stories* e os perfis daqueles e daquelas que foram gravados para o webdocumentário foram publicados com objetivo de promover uma conexão entre o público e os personagens presentes no webdocumentário. Essa dinâmica na apresentação dos perfis dos entrevistados no Instagram se provou ser de extrema relevância para o projeto.

O primeiro perfil publicado na página do projeto foi o do MC Nicácio, a publicação foi realizada de forma conjunta, ou seja, na conta do projeto e do Nicácio. Em poucas horas a publicação atingiu 162 *likes*, posteriormente um novo ensaio foi feito com o MC e o carrossel de fotos chegou a incrível marca de 421 curtidas. No webdocumentário há um ícone da rede social na parte inferior que direciona para o Instagram do projeto. A seguir, alguns prints da página do projeto no Instagram sugerem o tipo de posts que foram realizados durante a produção do webdoc.

⁶ Link da página do projeto no Instagram: <https://www.instagram.com/avenidacetalprojeto/>



Figura 20 - Perfil do *Avenida Central* no Instagram.

Todos os personagens selecionados para o webdocumentário tiveram os seus perfis publicados no Instagram. Ao todo foram selecionadas oito pessoas que se dividiram em três grupos distintos: o comerciante Mufid Muhamad Salem representava a comunidade árabe e a Maria Clara Araújo, cientista política e pesquisadora da Universidade de Brasília especializada em comunidade árabe palestina, aparecia na primeira parte audiovisual do projeto para falar sobre os processos histórico-políticos que motivaram a imigração forçada dos árabes palestinos para o Brasil.



avenidacentralprojeto

avenidacentralprojeto Mufid Muhamad Salem, 53 anos.

📍 Mufid é Árabe Palestino ps e há treze anos atua no comércio da Avenida do Paranoá. Chegou no Brasil em 1998, no estado de Minas Gerais, e antes de vir para o Paranoá morou na Região Administrativa do Gama-DF.

🗣️ Para ele não só o Paranoá é acolhedor com a comunidade Árabe Palestina, como o Brasil.

✍️ Afirma que além dele há mais sete comerciantes Árabes Palestinos no Paranoá e que a Região Administrativa é uma ótima cidade para o comércio, área empreendedora que é tradição na Comunidade Árabe.

#paranoá #brasil #df #árabe #comunidadearabe #palestinos #comercio #periferia #webdocumentario

Editado · 7 sem · Ver tradução

Ver insights [Turbinar publicação](#)

👍 🗨️ 📌

👤 Curtido por elihxir_ e outras 19 pessoas

MAIO 9

🗨️ Adicione um comentário... [Publicar](#)

Figura 21 - Mufid Muhamad Salem - Mateus Pinheiro.



Figura 22 - Maria Clara - Fotografia: Mateus Pinheiro.

O segundo grupo que vem na sequência é a comunidade dos influenciadores, na qual foram selecionados dois influenciadores para o projeto, são eles: Warly Vieira, criador de um projeto de comunicação chamado *Paranoá Reels*⁷ com mais de dois mil e quinhentos seguidores no Instagram que busca mostrar o que há de melhor no Paranoá, como as atrações naturais da região, bares ou restaurantes que estão fortemente presentes na Avenida Paranoá. Além disso, através do *Paranoá Reels*, o influenciador cobre os eventos da região. Recentemente Warly Vieira lançou um videocast chamado *Paranoá Cast*⁸, onde Warly entrevista personalidades do Paranoá, seja das artes, música, esporte ou de outras áreas; o *Paranoá Cast* é como uma extensão do *Paranoá Reels*.

⁷ Link do Paranoá Reels: <https://www.instagram.com/paranoareels/>

⁸ Link do Paranoá Cast: <https://www.instagram.com/paranoocast/>

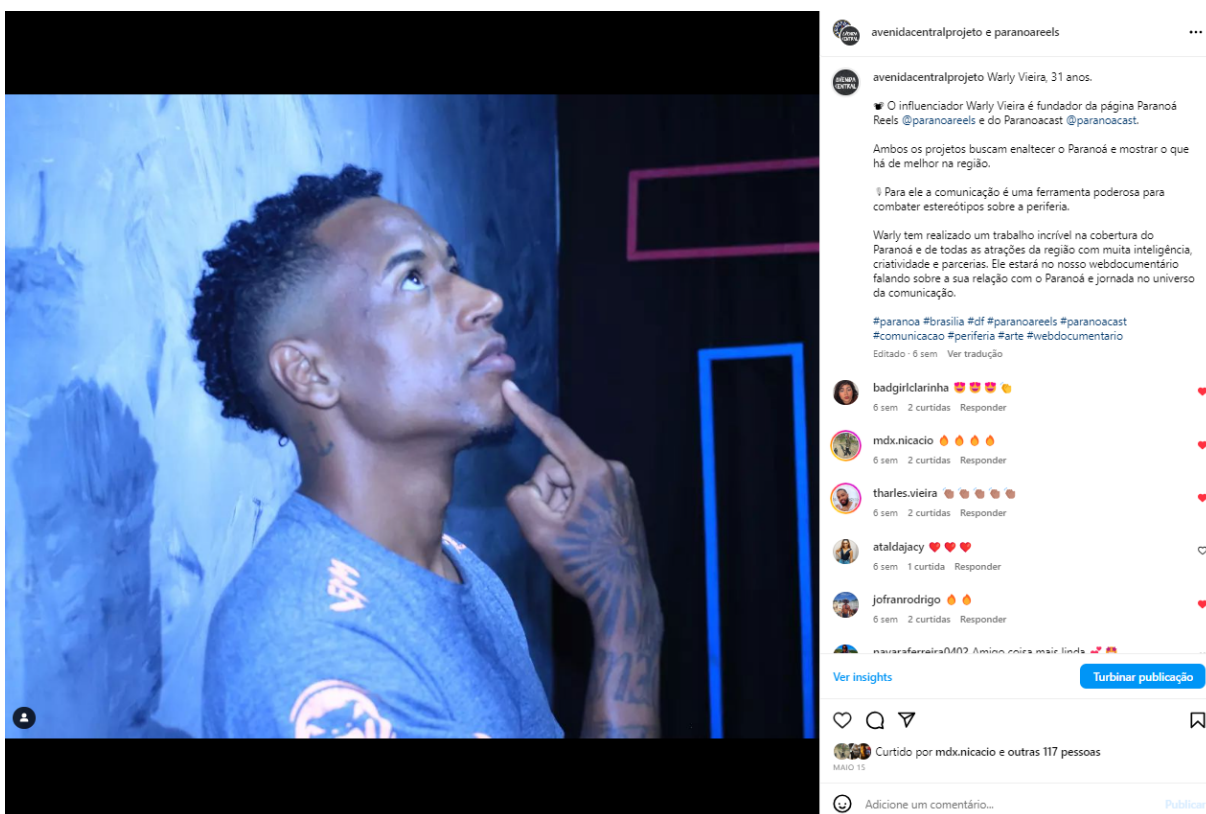


Figura 23 - Warly Vieira - Fotografia: Mateus Pinheiro.

A segunda influenciadora escolhida foi a Brenda Paulino que realizou um trabalho de comunicação fantástico durante a pandemia da Covid 19. Como ela também é comerciante e muito conhecida na região, passou a usar os *stories* para avisar as pessoas sobre os locais de vacinação no Paranoá e sobre a importância da imunização. Nas gravações do projeto, ela lembra que como a sua loja de móveis fica em frente ao Posto de Saúde do Paranoá, logo ela acompanhava a situação das filas para a imunização, e a partir disso resolveu informar a comunidade local sobre a situação nos respectivos Postos de Saúde mas também sobre a existência dos outros pontos de vacinação da RA.



Figura 24 - Brenda Paulino - Fotografia: Mateus Pinheiro.

O terceiro e último grupo que encerra o webdocumentário é a comunidade dos MCs da Batalha de Rimas do Paranoá que ocorre a cada quinze dias na Praça Central do Paranoá, ao final da avenida. Ao todo foram quatro MCs selecionados, são eles: Nicácio, Fael MC, Teus Aragão e Elihxir. Esse grupo foi o que teve o maior número de pessoas gravadas e entrevistadas, visto que o interesse da comunidade dos MCs pelo webdocumentário foi muito significativo, logo ele se tornou o grupo símbolo do projeto em virtude disso, mas também pela conexão da identidade do projeto com a cultura *hip hop*, algo que foi pensado na elaboração da marca do webdocumentário.

Nas gravações das entrevistas, eles falaram sobre as suas respectivas vivências na periferia da capital do país, a desigualdade social, violência policial, resistência e a arte como forma de superar obstáculos e curar feridas, mas também sobre as batalhas de rimas como espaço de acolhimento e celebração da cultura do *hip hop*.



Figura 25 - Nicácio MC - Mateus Pinheiro.

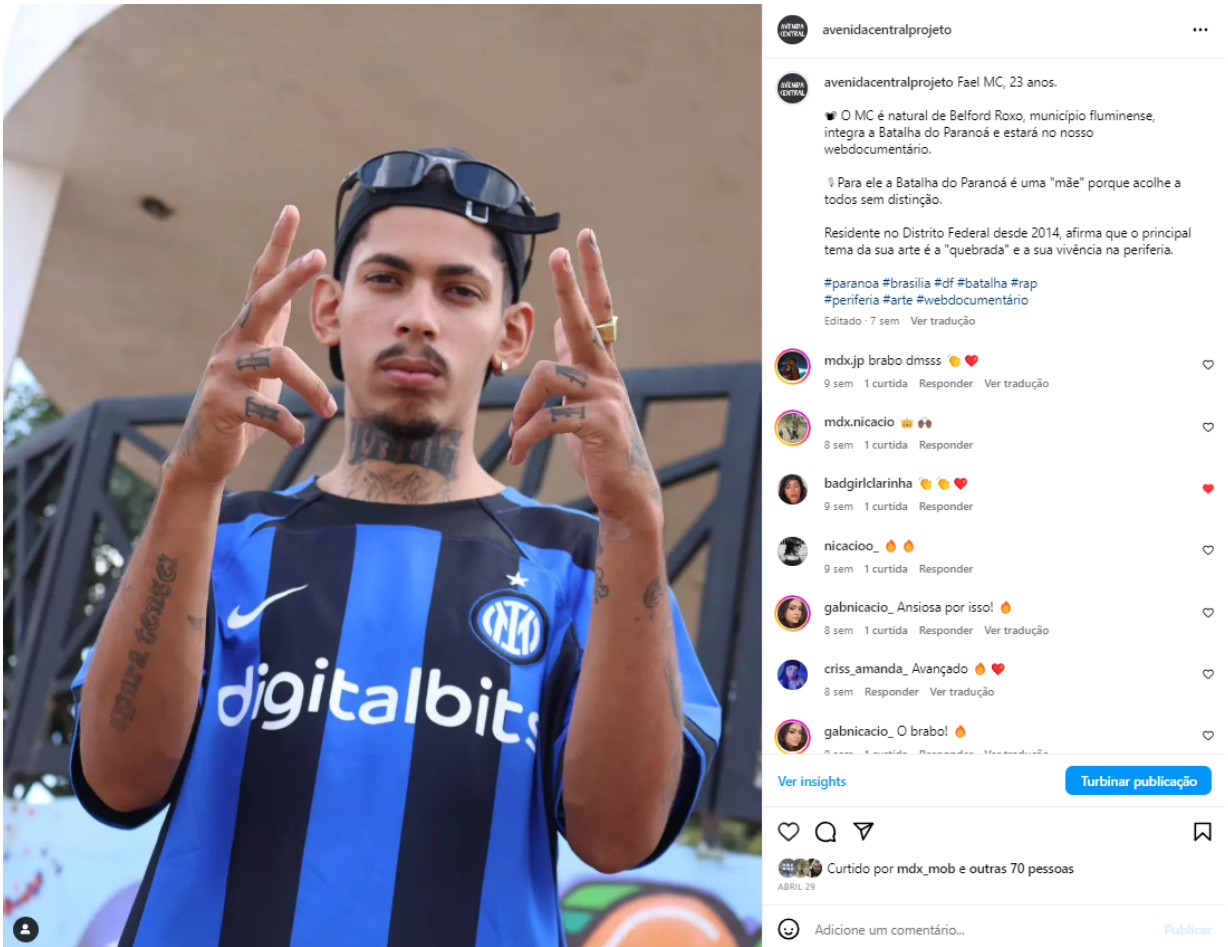


Figura 26 - Fael MC - Fotografia: Mateus Pinheiro



avenidacentralprojeto e mateusin.aragao

avenidacentralprojeto Teus Aragão, 26 anos.

📌 O MC do Paranoá é um dos artistas que fazem parte do nosso webdocumentário.

Afirma que o Rap é um amigo que está sempre presente quando ele precisa.

📌 Recorda que o papel se tornou o destino da sua indignação após sofrer uma ação violenta da polícia, sem motivo algum.

É foi a partir disso que começou a cantar e a fazer da arte um instrumento de protesto.

Já cantou na Paranoá e se sente acolhido na cidade.

#paranoa #brasilia #df #batalha #rap #periferia #arte #webdocumentario #avenidacentral

Editado · 5 sem · Ver tradução

mdx.jp tá prr, só ideia quente da parte desse pvt 🍷🍷❤️

5 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

— Ver respostas (1)

mdx.jp 🍷🍷🍷🍷

5 sem · 2 curtidas · Responder

badgirlclarinha 🍷🍷🍷

5 sem · 1 curtida · Responder

badgirlclarinha 🍷🍷🍷

5 sem · 1 curtida · Responder

gabrielamariaj 🍷 só força

5 sem · 2 curtidas · Responder · Ver tradução

Ver insights [Turbinar publicação](#)

📌

MAIO 22

MAIO 22

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Figura 27 - Teus Aragão - Fotografia: Mateus Pinheiro

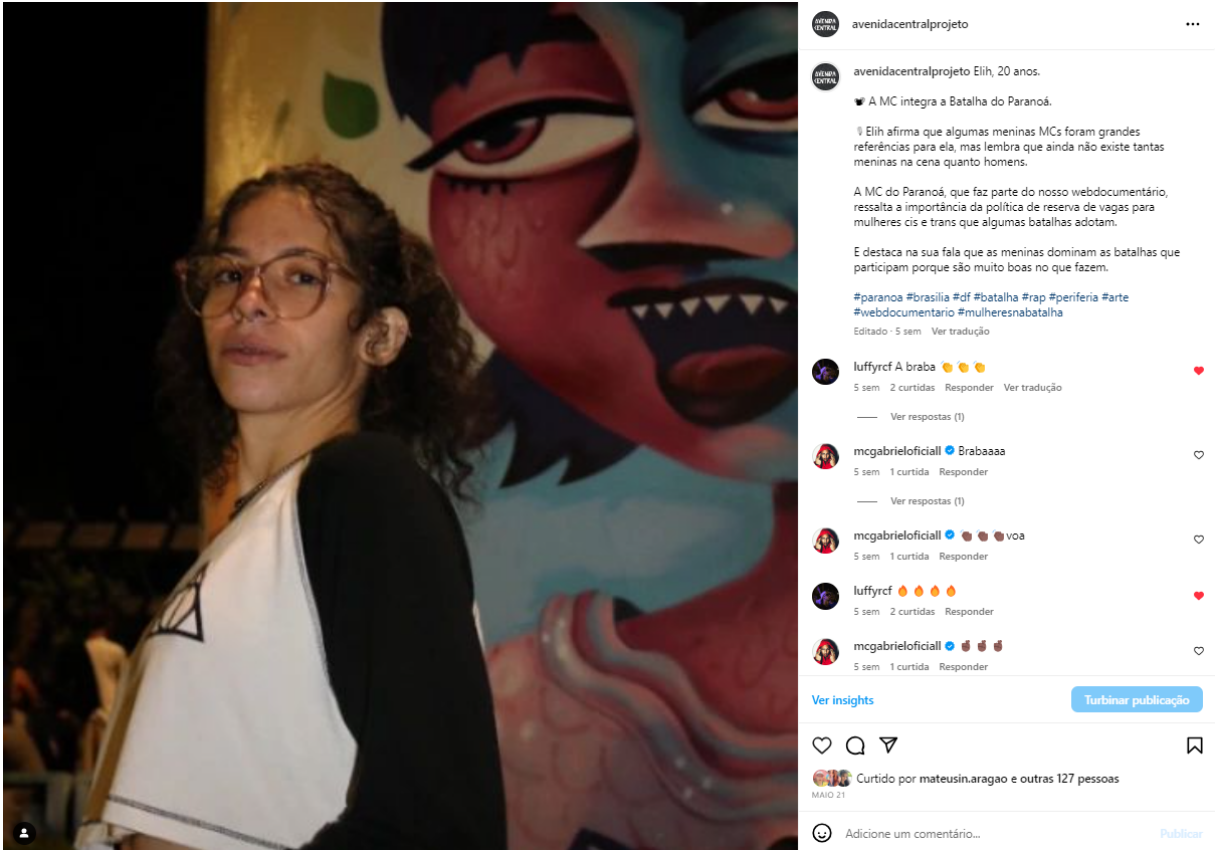


Figura 28 - Elih - Fotografia: Mateus Pinheiro.

8 - ORÇAMENTO

	Valores das Despesas	Arrecadação
Produção (alimentação e transporte)	R\$ 100,00	
Site (domínio e hospedagem anual??)	R\$ 290, 00	
Assinatura anual do Google Drive	R\$ 72, 00	
Equipamentos (pilhas e isopor)	R\$ 20, 00	
Prêmios do sorteio	R\$ 120, 00	
TOTAL	R\$ 602, 00	
Arrecadação com o sorteio		R\$ 385, 00

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, quando pensei em fazer esse projeto, tinha acabado de entregar um TCC em Jornalismo com o tema Gestão de Processos Comunicacionais em Ambientes de Inovação⁹, no meio da pandemia da Covid 19, e tinha solicitado dupla diplomação com Comunicação Organizacional. Então eu sentia que o meu próximo projeto final não poderia ser só um trabalho escrito como tinha sido na graduação anterior, precisava ser um produto relacionado ao audiovisual, área na qual eu sempre fui apaixonado, mas ao mesmo tempo precisava ser um projeto sobre a minha experiência na periferia da capital do país, e sobre algumas das questões que atravessavam esse território.

Primeiramente pensei em falar sobre três regiões administrativas distintas, que seriam o Paranoá, Ceilândia e Planaltina-DF. Mas logo depois que comecei a orientação com a professora Susana Dobal vi que precisava delimitar e focar, então tomei a decisão de falar sobre o Paranoá, região administrativa em que eu cresci, moro e que a minha família reside. Tenho muitas lembranças com o Paranoá que perpassam a minha infância e adolescência, então a minha relação com o Paranoá é muito afetiva e falar sobre a RA seria uma forma de devolver para a cidade tudo o que ela me ofereceu de lembranças e acolhimento.

Somado a minha decisão de falar sobre o Paranoá, comecei a notar alguns fenômenos que aconteciam na avenida que corta a RA, mas que estavam passando despercebidos pelos grande veículos de comunicação e academia. Certa vez, estava descendo a avenida para ir comprar algo, no final da tarde, quando notei dois senhores sentados em banquinhos em frente a suas lojas, uma do lado da outra, fumando narguilé e conversando em um idioma que para mim soava muito diferente, eles gesticulavam e riam. Os senhores que estavam conversando eram o Seu Mufid, que conheci mais tarde e que aparece no nosso webdocumentário, e o dono da Tabacaria Istanbul, que também é árabe mas que não consegui contato. Aquela cena deles conversando em árabe, fumando narguilé e sentados em banquinhos em frente as suas lojas ficou na minha mente e eu sabia que eu precisava levar aquela comunidade para o meu webdocumentário.

⁹ Link do meu projeto final em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília: <https://bdm.unb.br/handle/10483/30474> Acesso em: 30. junho de 2023.

Nessa época eu já tinha consciência da presença árabe no comércio do Paranoá, mas não fazia a mínima ideia de qual país eles pertenciam, de quantos eram, nomes e da razão que os levaram a vir morar na periferia da capital do país. Foi então que comecei a busca, e todos que eu pedia para conversar me sugeriam falar com o Seu Mufid porque, segundo eles, ele era o pioneiro árabe palestino no Paranoá, e lá fui em busca do famoso Mufid que topou conversar comigo, ser gravado e fotografado.

Paralelo a essa minha observação em relação ao fenômeno dos árabes palestinos no comércio da Avenida Paranoá, em uma sexta-feira eu estava voltando do trabalho, por volta das dezenove horas, quando vi da janela do ônibus um grupo de jovens em uma roda rimando na Praça Central do Paranoá, decidi que precisava levar aquele grupo para o meu projeto. Quando parei para observar, vi que tanto os palestinos quanto os MCs tinham algo em comum, suas vidas eram interligadas pelo território, visto que tanto a atividade comercial dos árabes como a atividade cultural dos MCs aconteciam na Avenida Paranoá.

Com essas informações eu vi que tinha duas comunidades incríveis para serem abordadas, mas eu precisava de mais um grupo que de alguma forma também fosse atravessado pela avenida, e então fiquei muitos dias pensando em qual grupo poderia ser. Até que descobri através da minha irmã mais nova que muitos influenciadores locais faziam propagandas das lojas da avenida nos seus respectivos Instagrams. Era o que eu precisava, de alguma forma essa seria a dimensão virtual da Avenida Paranoá e foi aí que comecei a correr atrás de influenciadores locais.

Nesse processo de busca encontrei o Warly Vieira, que é super bem relacionado com o comércio local, mas eu precisava de mais um influenciador, então um dia comentado com uma prima minha sobre o meu projeto final ela lembrou que a chefe dela, a Brenda Paulino, era influenciadora mas, mesmo ela sendo comerciante, pois sua loja de móveis fica localizada na Avenida Paranoá, o trabalho dela era menos comercial e mais informativo. Ou seja, ela denunciava nos seus *stories* as obras intermináveis do GDF na avenida, o atraso do caminhão do lixo, dentre outros problemas que ela via diariamente e o mais surpreendente de tudo era que a administração regional do Paranoá sempre escutava as reclamações dela. Ela viu na comunicação, então, uma ferramenta para cobrar as autoridades públicas acerca da resolução dos problemas na RA, bem como para transformar aos poucos o território falando de algumas carências que estavam em torno dela.

Construir o webdocumentário *Avenida Central* marcou a minha passagem pela UnB e de alguma forma mudou muitas coisas em mim, porque pela primeira vez, em sete anos de vida acadêmica, com praticamente duas graduações no currículo, eu estava fazendo algo que eu não só gostava, mas era extremamente apaixonado. Eu queria ter feito muito mais pelo projeto, e quem sabe ele não continua, porém trabalhando e com múltiplas responsabilidades eu fiz aquilo que consegui e no fim de tudo estou muito feliz pelo projeto que consegui entregar.

REFERÊNCIAS

ACNUR: Líderes mundiais devem agir para rever a tendência crescente de deslocamento. ACNUR, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/06/18/acnur-lideres-mundiais-devem-agir-para-rever-a-tendencia-crescente-de-deslocamento/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

ARNAUT, R. D.; HIPÓLITO, L.; NOGUEIRA, F.; RODRIGUES, B.; UHIEDA, S.; BUENO, M. J.; BLASCZAK, D. Z.; MARZOLLA, A.; DION, D.; SIENA, N. Era Transmídia. **Revista GEMINIS**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 259–275, 2011.

Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/93>. Acesso em: 2 jul. 2023.

BARBERO, Jesús Martín. Novas visibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 27-39, 2007. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i1p27-39. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38175>. Acesso em: 2 jul. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BITTENCOURT, Luciana A. A fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 225–241, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6536>. Acesso em: 2 jul. 2023.

BRITO DE OLIVEIRA, Eliane C. B. Do gangsta às minas: O RAP do Distrito Federal e as Masculinidades Negras (1990 a 2015). Edlene Oliveira Silva. 2017. 135. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24421>. Acesso em: 2 jul. 2023.

CARMO, Maria. Como o Chile reuniu a maior comunidade palestina fora do Oriente Médio. BBC Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48158226>. Acesso em: 1 jul. 2023.

COMUNIDADE árabe é 6% da população brasileira, diz pesquisa. Câmara de Comércio árabe Brasileira, 2020. Disponível em: <https://anba.com.br/comunidade-arabe-e-6-da-populacao-brasileira-diz-pesquisa/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

CONHEÇA a RA. Administração Regional do Paranoá, 2023. Disponível em: <https://www.paranoa.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em: 6 jul. 2023.

DENTRO da minha pele. Val Gomes, Toni Venturi. Tiago Berti. Globo Play. 2020. 1h26m. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/dentro-da-minha-pele/t/nzTH6NWYQj/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

FARIA DE SOUZA, Nívea. A construção da visualidade no audiovisual: o caso d’Os Maias. In: **Cinema em Português**. IX Jornadas. 9, 2016, Covilhã. Revista. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2016. p. 153 – 162.

FECHINE, Y. Transmidiação, entre o lúdico e o narrativo. In: RENÓ, D., GOSCIOLA, V., CAMPALANS, C. (orgs.) **Narrativas transmedias: entre teorías y prácticas**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2012.

FRESH Dressed. Sacha Jenkins. Sacha Jenkins. Youtube. 2015. 1h22m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cGIwRdbGZMY>. Acesso em: 2 jul. 2023.

FEDERAÇÃO ÁRABE PALESTINA DO BRASIL - FEPAL. FEPAL.com.br. Conheça Nossa História. Disponível em: <https://fepal.com.br/sobre/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FOTOGRAFIAS e Trajetórias. Webdocumentário sobre fotógrafas. Disponível em: <https://sites.usp.br/fotografias/o-projeto/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. G. Imagens que afetam: filmes da quebrada e o filme da antropóloga. in.: GONÇALVES, Marco Antônio e HEAD, Scott (Org.). **Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

JOST, François. Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias? **MATRIZES**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 93-109, 2011. DOI:10.11606/issn.1982-8160.v4i2p93-109. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38294>. Acesso em: 2 jul. 2023.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, São Paulo, v. 17, n. 12, p. 46-61, 2 set. 2017. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-1-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2023.

LEVIN, Tatiana. O webdocumentário como um documentário feito de uma narrativa interativa, hipertextual e participativa. **RDCD**. 2015; (18): 5-32. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc>. Acesso em: 2 jun. 2023

MARQUES, Sandra Cristina Simão ; CAMPOS, Ricardo. Políticas de Visualidade, Práticas Visuais e a Construção de Espaços de Imaginação. In: **Cadernos de Arte e Antropologia**. 2017 ; Vol. 6, No. 2. pp. 5-10.

OLIVEIRA, Ísis. Nossos Olhares, 2023. Mulheres Negras na Fotografia. Disponível em: <https://www.nossosolhares.com/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PAIVA, Raquel. O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

SAID, Edward Wadie. **A questão da Palestina**. Tradução: Sonia Midori. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **OSAL: Observatório Social de América Latina, CLACSO**, 6(16), 255-261. 2005.

SILVA, Gerson de Castro. A história de uma cidade invisível: Vila Paranoá e seus quintais de memórias. 2019. 100 f., il. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico)-Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ANEXOS

Anexo 1 - Divulgação

Canal do projeto no YouTube¹⁰, onde os vídeos do webdocumentário com as entrevistas integrais também ficarão disponibilizados para acesso público.

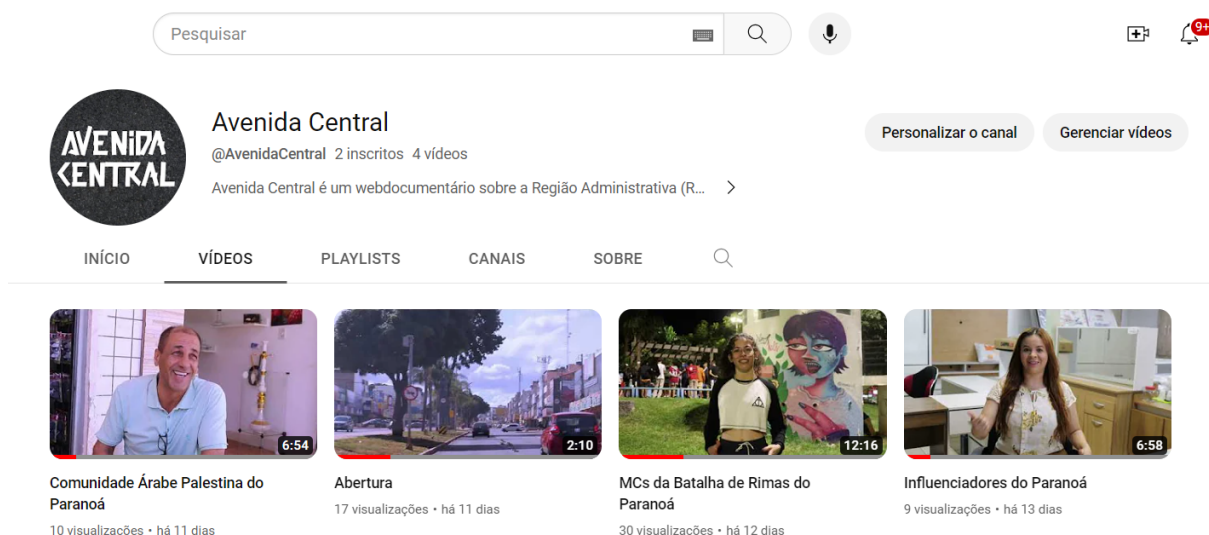


Figura 29 - Perfil do webdocumentário no YouTube.

¹⁰ Link do canal do projeto no Youtube: <https://www.youtube.com/@AvenidaCentral/featured>

Lançamento da campanha do sorteio no Instagram para arcar com os gastos do projeto.



Figura 30 - Primeiro card da publicação em formato carrossel de lançamento do sorteio.



Figura 31 - Primeiro card da publicação em formato carrossel de lançamento do sorteio.



Figura 32 - Terceiro card da publicação em formato carrossel de lançamento do sorteio.



Figura 33 - Quarto card da publicação em formato carrossel de lançamento do sorteio.



Figura 34 - Terceiro card da publicação em formato carrossel de lançamento do sorteio.

Durante as gravações do projeto sempre eram realizados *stories* sobre os bastidores para divulgar o projeto, mas também para o público ir conhecendo quem integrava o webdocumentário *Avenida Central*.



Figura 35 - *Storie* dos bastidores de uma das gravações.



Figura 36 - *Storie* dos bastidores de uma das gravações.



Figura 37 - *Storie* dos bastidores de uma das gravações.



Figura 38 - *Storie* dos bastidores de uma das gravações.

Anexo 2 - Ficha Técnica

Direção e Produção: Mateus Pinheiro

Identidade Visual: Mateus Pinheiro

Web Design: Mateus Pinheiro

Fotografia: Mateus Pinheiro

Edição e Montagem: Mateus Pinheiro

Som: Vinícius Alves

Assistência Geral: Vinícius Alves

Entrevistados:

Brenda Paulino

Elihxir

Fael MC

Maria Clara Araújo

Mufid Muhamad Salem

Nicácio

Teus Aragão

Warly Vieira

Os equipamentos utilizados nas gravações do webdocumentário *Avenida Central* foram os seguintes:

01 - Câmera DSLR Canon 80D.

01 - Tripé para a Câmera Canon 80D.

01 - Gravador de Áudio Zoom H4n PRO.

01 - Sun Gun (Iluminação)

Softwares e plataformas utilizadas para a execução do projeto:

WIX (hospedagem do site).

GoDaddy (domínio do site).

DaVinci Resolve (*software* utilizado na edição da parte audiovisual do projeto).

Canva Pro (design gráfico do projeto).